



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ – CERES
DEPARTAMENTO DE LETRAS DO CERES – DLC
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

IONARA RÉGIA SILVA GUIMARÃES

**A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LEXICAL NAS AULAS DE PORTUGUÊS:
UMA PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DO GÊNERO TEXTUAL MEME**

CURRAIS NOVOS-RN

2020

IONARA RÉGIA SILVA GUIMARÃES

**A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LEXICAL NAS AULAS DE PORTUGUÊS:
UMA PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DO GÊNERO TEXTUAL MEME**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – *Campus* de Currais Novos, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino

Orientador: Prof. Dr. Márcio Sales Santiago

CURRAIS NOVOS-RN

2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ensino Superior do Seridó -
CERES Currais Novos

Guimarães, Ionara Régia Silva.

A abordagem da variação lexical nas aulas de português: uma proposta de ensino a partir do gênero textual meme / Ionara Régia Silva Guimarães. - 2020.

124 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras. Currais Novos, RN, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Sales Santiago.

IONARA RÉGIA SILVA GUIMARÃES

**A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LEXICAL NAS AULAS DE PORTUGUÊS:
UMA PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DO GÊNERO TEXTUAL MEME**

Aprovada em: 21 de agosto de 2020

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – *Campus* de Currais Novos, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Prof. Dr. Márcio Sales Santiago
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Presidente - Orientador

Profa. Dra. Sabrina Pereira de Abreu
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Examinadora Externa

Prof. Dr. Alexandre Teixeira Gomes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador Interno

Dedico este trabalho à minha família,
que sempre esteve presente nos
momentos difíceis e merecem
compartilhar os momentos de
conquista e alegria.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos e milagres que pude presenciar em minha vida e por me fortalecer quando eu mais precisava para buscar meus sonhos;

À minha mãe, Inacia, e ao meu pai, Francisco (*in memoriam*), que mesmo com toda humildade, sempre me incentivaram e me fizeram acreditar que os estudos eram o melhor caminho para o meu crescimento;

Ao meu filho, que entendeu a minha ausência durante os meses dedicados às aulas, às leituras e à dissertação;

Aos meus irmãos, que sempre acreditaram, incentivaram e torceram por mim;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Márcio Sales Santiago, pela parceria, pelos conhecimentos compartilhados, pela disponibilidade e pela atenção;

Aos membros da banca de defesa, Profa. Dra. Sabrina Pereira de Abreu e Prof. Dr. Alexandro Teixeira Gomes que, de forma generosa, aceitaram o convite e contribuíram com relevantes considerações;

Aos membros da banca de qualificação, Profa. Dra. Maria das Graças Soares Rodrigues e Prof. Dr. Alexandro Teixeira Gomes, que também generosamente, nos apresentaram importantes contribuições;

A todos os professores do PROFLETRAS, que contribuíram valorosamente para o nosso aperfeiçoamento pessoal e profissional;

Aos colegas do mestrado, que se tornaram amigos, compartilhando os momentos de aprendizagem do mestrado e suas vivências em sala de aula;

À CAPES, pela oportunidade de fazer o Mestrado Profissional em Letras;

Aos meus alunos, que são a razão e o estímulo para o nosso aprimoramento constante e especialmente à turma do 7º ano, pela importante contribuição para a realização desta pesquisa;

À gestão e equipe da escola, que nos apoiou e nos deu todo o suporte e toda a colaboração para a sua realização.

“[...] na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito; mas - consequência paradoxal do interesse que suscita - não há domínio onde tenham germinado ideias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções.”

Ferdinand de Saussure (Curso de Linguística Geral, 1916).

RESUMO

Em diversas situações, não é incomum o professor de Língua Portuguesa se deparar com a dificuldade dos alunos em entender a diversidade linguística. Diante disso, aliando o ensino da língua materna ao uso das novas tecnologias, a presente pesquisa tem como objetivo principal investigar a variação lexical nas diferentes interações sociais encontradas no gênero textual meme como estratégia pedagógica inovadora para o ensino da LP. Dessa forma, pretendemos analisar como a variação lexical contribui para a criação de imagens preconceituosas; examinar como a variação lexical corrobora para a constituição do gênero meme e verificar como a variação lexical contribui para o humor nos memes. Para esta pesquisa, tomamos como base os pressupostos teóricos sociolinguísticos de Labov (2008), Bagno (2004, 2008, 2009) e Bortoni-Ricardo (2004); com relação à variação lexical Carvalho (2009), Isquierdo (2001), Basílio (2007); no tocante ao gênero textual meme, as considerações de Dawkins (1976), Moraes, Mendes e Lucarelli (2011), Guerra e Botta (2018), Recuero (2007) e sobre Lexicografia Pedagógica, Krieger (2012), Pontes (2009), Pontes e Santiago (2009), Santiago (2012), dentre outros. A pesquisa foi desenvolvida em uma turma de 7º ano do ensino fundamental de uma escola da rede estadual, no município de Parelhas/RN. Para tanto, adotamos os princípios da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986), uma vez que a problemática surgiu na sala de aula, devendo ser, portanto, investigada por parte das pessoas envolvidas – professora-pesquisadora e alunos – a partir de uma intervenção pedagógica que foi desenvolvida através de uma sequência didática, conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Como resultados, buscamos criar condições para que os alunos pudessem entender a pluralidade sociocultural do português do Brasil, através da elaboração de um minidicionário de variações linguísticas, conscientizando-os quanto à heterogeneidade da Língua Portuguesa e mostrando que a sua diversidade deve ser respeitada de forma a combater o preconceito linguístico. Buscamos também desmistificar os conceitos de acerto e erro, ainda bastante persistentes no ensino de língua.

Palavras-chave: Variação lexical. Meme. Pesquisa-ação. Sequência Didática.

ABSTRACT

This research aims to investigate the lexical variation in the different social interactions found in the textual genre meme as an innovative pedagogical strategy for teaching Portuguese Language (PL), combining the mother tongue teaching with the use of new technologies and considering some student's difficulties in understanding linguistic diversity happens. Thus, analysis of how lexical variation contributes to the creation of prejudiced images; to examine how lexical variation corroborates the constitution of the meme genre; to verify how lexical variation contributes to humor in memes is carried out in this research. For that, we take as embassies the sociolinguistic theoretical assumptions of Labov (2008), Bagno (2004, 2008, 2009) and Bortoni-Ricardo (2004); regarding the lexical variation Carvalho (2009), Isquerdo (2001), Basílio (2007); regarding the textual genre meme, the considerations of Dawkins (1976), Moraes, Mendes and Lucarelli (2011), Guerra e Botta (2018), Recuero (2007) and on Pedagogical Lexicography, Krieger (2012), Krieger e Müller (2019), Pontes (2009), Pontes and Santiago (2009), Santiago (2012), among others. The research was developed in a 7th grade class of a state-run public school in Parelhas/RN. For this, we adopted the principles of action-research (THIOLLENT, 1986), developing a pedagogical intervention carried out through a didactic sequence according to Dolz, Noverraz, and Schneuwly (2004), involving the teacher-researcher and students - those inserted in this teaching-learning process. As result, we aim to create conditions for students could understand the Brazilian Portuguese sociocultural plurality, through the development of a linguistic variations mini-dictionary, making them aware of the Portuguese Language heterogeneity and showing that its diversity must be respected to combat linguistic prejudice. We aim, as well, to demystify the concepts of right and wrong, still quite persistent in language teaching.

Keywords: Lexical variation. Meme. Research-action. Didactic sequence.

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

EF: Ensino Fundamental

LP: Língua Portuguesa

PNLD: Programa Nacional do Livro Didático

SD: Sequência Didática

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema da Sequência Didática.....	39
Figura 2: Infográfico da Sequência Didática.....	44
Figura 3: <i>Quiz online</i> sobre variação lexical	61
Figura 4: Meme produzido pelos participantes	63
Figura 5: Memes pesquisados pelos participantes.....	64
Figura 6: Atividade de reescrita com meme A	67
Figura 7: Atividade de reescrita com meme B	68
Figura 8: Atividade de reescrita com meme C	68
Figura 9: Atividade de reescrita com meme D	69
Figura 10: Biblioteca escolar	71
Figura 11: Apresentação dos dicionários disponíveis na biblioteca escolar	71
Figura 12: Atividade com os dicionários escolares.....	72
Figura 13: Atividade inicial para elaboração do minidicionário	73
Figura 14: <i>Quiz</i> sobre variação lexical	75
Figura 15: Convite para conhecer o minidicionário	76
Figura 16: Entrega do minidicionário	77
Figura 17: Participantes	78
Figura 18: Bibliotecária e professora/pesquisadora	78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Idade dos participantes	46
Gráfico 2: Frequência do uso da internet.	46
Gráfico 3: Usos da internet	47
Gráfico 4: Redes sociais mais acessadas	48
Gráfico 5: Você compartilha memes?	48
Gráfico 6: Por qual motivo você compartilha memes?	49
Gráfico 7: Onde costuma pesquisar trabalhos escolares?	50
Gráfico 8: Uso produtivo da internet em sala de aula	50
Gráfico 9: Como o uso da internet pode ser produtivo em sala de aula?.....	51
Gráfico 10: O meme é um gênero interessante para as aulas de LP?.....	52
Gráfico 11: Você conhece alguém que fale diferente de você?.....	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Respostas para a pergunta: Por que o meme é um gênero interessante para ser trabalhado nas aulas de LP?	52
Quadro 2: Respostas para a pergunta: Quais diferenças você observa na forma de falar dessa(s) pessoa(s)? :.....	54
Quadro 3: Atividade de organização dos verbetes para o minidicionário.....	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1 A Sociolinguística e suas contribuições para o ensino de LP	20
2.2 A variação linguística e seu papel na língua	22
2.3 A variação lexical e sua importância no ensino da LP	24
2.4 O meme na sala de aula como recurso didático	28
2.5 A Lexicografia Pedagógica	31
2.5.1 Partes constitutivas do dicionário	33
2.5.2 Classificação dos dicionários escolares do Programa Nacional do Livro Didático	34
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS	36
3.1 Abordagem da pesquisa	36
3.2 Caracterização dos participantes	37
3.3 Ambiente da pesquisa	38
3.4 A constituição do <i>corpus</i>	38
3.5 Proposta de intervenção pedagógica	39
3.5.1 Sequência didática	40
4 ANÁLISES DOS DADOS	45
4.1 Módulo I: Questionários diagnósticos	45
4.2 Módulo II: Contextualização da Variação Linguística/Lexical	57
4.3 Módulo III: Apresentando o meme como gênero textual	63
4.4 Módulo IV: Tirando os dicionários das prateleiras da biblioteca	70
4.5 Módulo V: Elaboração do minidicionário	74
4.6 Módulo VI: Culminância da proposta interventiva	75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83
APÊNDICE A - MINIDICIONÁRIO DE VARIAÇÕES REGIONAIS	86
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SOBRE INTERNET	112
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO SOBRE VARIAÇÃO LEXICAL	114
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO	117
APÊNDICE E - TERMO DE ASSENTIMENTO	118
APÊNDICE F - ATIVIDADE COM MEMES	119

APÉNDICE G - QUIZ	120
--------------------------------	------------

1 INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar mais profundamente a variação lexical, a heterogeneidade e a riqueza da nossa língua, vem ao encontro da nossa história de vida, desde a infância, bem antes de imaginar um futuro como professora e pesquisadora na área das linguagens.

Como nordestina, da região do Seridó, interior do Rio Grande do Norte, que passou a infância e adolescência no estado de São Paulo e parte da vida adulta no Rio de Janeiro, essa variedade lexical sempre esteve presente em conversas com familiares e amigos, o que, muitas vezes, ocasionou situações curiosas e até embaraçosas. Quando finalmente retornamos para nosso estado e ingressamos no curso de Letras, pudemos estudar, entender e nos aprofundar nesse assunto, conhecendo a teoria e seus pesquisadores.

Foi, contudo, quando iniciamos a jornada como professora de escola pública, no cotidiano das aulas, vivenciando novamente situações curiosas, que o interesse em pesquisar sobre o tema da variação lexical se fez mais presente. Isto se deu, pois os alunos percebiam e questionavam o fato de a professora/pesquisadora, apesar de natural da mesma cidade que os participantes, utilizar e pronunciar palavras desconhecidas para eles e que, apesar de diferentes, possuem o mesmo significado das palavras que eles usam.

Em sala de aula, é comum nos depararmos com diversidades regionais, culturais e sociais. Respeitar essas diferenças, ensinando aos nossos alunos que tais variedades devem ser respeitadas e que não há uma linguagem mais correta que outra, faz parte do trabalho do professor em busca de uma sociedade mais tolerante.

Inseridos em um contexto no qual se discute cada vez mais a inclusão social, não podemos permitir que fatores como a maneira de falar, opção religiosa, orientação sexual, classe social, entre outros, sejam usados para excluir, discriminar. Devemos conscientizar nossos alunos quanto à riqueza dessas diversidades e valorizá-las.

Somado a isso, observamos com preocupação a falta de interesse dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa, doravante LP, principalmente em escolas públicas. Entender o porquê desse desinteresse, uma vez que nossos alunos são falantes da língua e, conseqüentemente, a conhecem e a entendem, nos levou a indagar sobre as causas desse comportamento. A questão norteadora, portanto, é:

que recursos podemos utilizar para despertar o interesse dos nossos alunos na aula de LP, ressignificando seus aprendizados, especialmente sobre a variação lexical?

Tornar as aulas inovadoras, dinâmicas e significativas, aliando ensino-aprendizagem ao mundo cada vez mais inserido nas novas mídias e tecnologias, mostra-se um grande desafio para nós enquanto docentes. O professor precisa investir em estratégias e em recursos de ensino, precisa ampliar sua comunicação, a partir de novas linguagens, para que haja uma maior sintonia entre professor e aluno, tornando as aulas mais atrativas e motivadoras.

Desta forma, entendemos que as novas tecnologias não devem ser apenas uma ferramenta ou suporte, mas devem ter uma relação de complementaridade na construção dos conhecimentos, inclusive como forma de inserção digital dos alunos, ampliando e renovando os recursos pedagógicos já disponíveis. Partimos da premissa de que nossos alunos estão cada vez mais inseridos nas redes sociais e que a internet é um território amplo de interações comunicativas e práticas discursivas, onde diversos gêneros textuais circulam.

Como forma de unir esses fatores, contextualizando conhecimentos e tornando a aula mais dinâmica e interessante, buscamos o gênero textual meme, bastante presente no dia-a-dia dos alunos nas diferentes redes sociais por eles acessadas, para trabalharmos a variação lexical, de forma a levar nossos alunos ao entendimento de que somos um país com grandes diversidades, e sensibilizá-los sobre a riqueza dessas variações, valorizando-as.

Também pretendemos desmistificar o conceito de que existe certo ou errado em relação à língua, mostrando que essas variações fazem parte da língua e que ela é heterogênea e sofre transformações diariamente. Aliando essa discussão sobre as variações lexicais e enfatizando sua valorização, buscamos minimizar o preconceito linguístico.

Nesta perspectiva, unindo o ensino da língua materna ao uso das novas tecnologias, a presente pesquisa teve como objetivo geral investigar a variação lexical nas diferentes interações sociais encontradas no gênero textual meme como estratégia pedagógica inovadora para o ensino da LP.

Diante desse objetivo geral, elencamos como objetivos específicos:

- analisar como a variação lexical contribui para a criação de imagens preconceituosas;

- examinar como a variação lexical corrobora para a constituição do gênero meme;
- verificar como a variação lexical contribui para o humor nos memes.

A partir dos memes pesquisados e analisados, como forma de tornar mais significativa a aprendizagem sobre variações lexicais, propusemos aos participantes a produção de um minidicionário, que constituiu-se o principal produto da nossa investigação.

Baseado nesses objetivos, a produção deste minidicionário buscou criar condições para que os alunos pudessem entender a pluralidade sociocultural do português do Brasil, em consonância com o que está previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, dentre as competências específicas da disciplina de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, destaca “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2017, p. 87).

Ressaltamos a relevância da pesquisa para a contribuição no ensino da LP, no qual a valorização da nossa variação linguística se faça presente no cotidiano dos alunos, inclusive como fator de inclusão social. Afinal, precisamos trazer para a sala de aula o reconhecimento da pluralidade linguística, que é permeada de regionalismos, dialetos sociais, estrangeirismos, empréstimos etc.

A partir desse reconhecimento, esperamos conscientizar nossos alunos quanto à heterogeneidade e à riqueza da LP e minimizar a crença de que existe uma linguagem melhor ou mais correta do que outra. Nesse sentido, enfatizamos que é papel da escola formar cidadãos críticos, conscientes das diversidades, e que saibam respeitá-las, de forma a combater o preconceito linguístico

Para esta pesquisa, tomamos como base os pressupostos teóricos sociolinguísticos de Labov (2008), Tarallo (2003), Martelotta (2011), Bagno (2007, 2008, 2009) e Bortoni-Ricardo (2004); sobre variação lexical Carvalho (2009), Isquerdo (2001), Basílio (2007); no tocante ao gênero textual meme, os estudos de Dawkins (1976), Moraes, Mendes e Lucarelli (2011), Guerra e Botta (2018), Recuero (2007); e sobre Lexicografia Pedagógica, as contribuições de Krieger (2012), Pontes e Santiago (2009), Santiago (2012), dentre outros.

Destacamos também, como fonte documental, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e suas abordagens sobre o ensino de LP no Ensino Fundamental, doravante EF, que apontam para a importância da contextualização do conhecimento escolar e para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os alunos, buscando respeitar as diversidades que estão presentes em suas vidas, sejam elas social, histórica e cultural.

A BNCC enfatiza que é necessária a descentralização e ampliação dos conhecimentos dos alunos, inclusive os linguísticos. Desta forma, devemos criar condições para que os alunos entendam a pluralidade sociocultural da língua. Dentre as competências específicas de LP para o EF, a BNCC (2017, p. 87) destaca “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.”

Além dessa abordagem sociolinguística presente no documento, também observamos dentre as competências específicas de linguagem para o EF, com relação às competências de linguagem apresentadas na BNCC (2017, p. 65), temos:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Sob essa ótica, devemos levar em consideração a influência que as mídias digitais têm atualmente na vida dos nossos alunos, promovendo mudanças significativas nas interações comunicativas, devido à rapidez no acesso a informações e à facilidade e disponibilidade de aparelhos que permitem esse acesso, como *notebooks*, *smartphones* e *tablets*.

A pesquisa foi desenvolvida em uma turma de 7º ano do EF de uma escola da rede estadual, no município de Parelhas/RN. Para tanto, adotamos os princípios da pesquisa-ação, segundo Thiollent (1986), uma vez que a problemática surgiu na sala de aula, devendo ser, portanto, investigada por parte das pessoas envolvidas – professora-pesquisadora e alunos – a partir de uma intervenção pedagógica que foi desenvolvida através de uma Sequência Didática, doravante SD, conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Partindo destes pressupostos, a presente dissertação procura aliar nossa perspectiva profissional enquanto professora preocupada com a construção de saberes significativos para nossos alunos com os objetivos do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) que propõem a capacitação de professores de LP para que desenvolvam intervenções pedagógicas que permitam o aumento da qualidade do ensino dos alunos do nível fundamental, com vistas a efetivar a desejada curva ascendente quanto à proficiência desses alunos no que se refere às habilidades de leitura e de escrita.

Para melhor compreensão, esta dissertação está organizada em cinco capítulos, incluindo esta introdução, na qual são sintetizadas e apresentadas as etapas e organização de nossa pesquisa, além de sua justificativa, do objetivo geral e dos objetivos específicos.

No segundo capítulo, segmentamos a fundamentação teórica em cinco seções. Inicialmente, na seção 1, contextualizamos a Sociolinguística e suas contribuições para o ensino de LP; na seção 2, tecemos considerações sobre variação linguística, ressaltando a sua importância em sala de aula; na seção 3, discorremos sobre a variação lexical e seu papel na língua; na seção 4, abordamos o gênero textual meme como recurso pedagógico e na seção 5, dissertamos sobre a Lexicografia Pedagógica.

No terceiro capítulo, com relação aos aspectos metodológicos, apresentamos a abordagem da pesquisa, caracterizamos os participantes e os ambientes em que as atividades serão desenvolvidas, como será a construção do *corpus* e detalhamos nossa proposta de intervenção, com a apresentação da SD, organizada em seis módulos, que foi elaborada com o propósito de alcançar os objetivos propostos.

No quarto capítulo, apresentamos o detalhamento das atividades planejadas e nossas análises a partir da proposta de intervenção pedagógica desenvolvida, que foi baseada nos objetivos traçados.

No quinto capítulo, tecemos nossas considerações finais, destacando a importância do PROFLETRAS para nossa formação profissional, bem como a melhoria da nossa vivência em sala de aula, através da capacitação e da instrumentalização adquiridas para o aperfeiçoamento da nossa prática pedagógica.

Por fim, apresentamos as referências que fundamentaram esta pesquisa e os apêndices elaborados para a investigação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentaremos os pressupostos teóricos que nortearam nossa pesquisa. Desta forma, entendemos que se faz necessária uma contextualização sobre a sociolinguística, sobre a variação linguística, sobre a variação lexical, sobre o gênero textual meme e sobre a Lexicografia Pedagógica.

Para tanto, tomamos como base, dentre outros, os pressupostos teóricos sociolinguísticos de Labov (2008), Tarallo (2003), Martelotta (2011), Bagno (2007, 2008, 2009) e Bortoni-Ricardo (2004); sobre variação lexical Carvalho (2009), Isquierdo (2001), Basílio (2007), Aragão (1999); no tocante ao gênero textual meme, as considerações de Dawkins (1976), Moraes, Mendes e Lucarelli (2011), Guerra e Botta (2018), Recuero (2007) e sobre Lexicografia Pedagógica, Krieger (2012), Krieger e Müller (2019), Pontes e Santiago (2009), Santiago (2012). Tais aportes nos nortearam e foram fundamentais quando da aplicação da SD e análise de dados.

2.1 A Sociolinguística e suas contribuições para o ensino de LP

A área da Sociolinguística surgiu nos anos 1950, porém sua proposta investigativa começou a desenvolver-se como corrente na década de 1960, nos Estados Unidos, principalmente com as pesquisas de William Labov que, conforme Tarallo (2003, p.7), foi quem “mais veementemente voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada”. O próprio Labov (2008, p. 14) afirma que durante muitos anos, resistiu ao termo *sociolinguística*, “já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social”.

A Sociolinguística busca, portanto, relacionar a heterogeneidade linguística e a heterogeneidade social, considerando as variações existentes na língua e as diversidades sociais e geográficas, entendendo que estes fenômenos são regulares e estruturados. Ainda segundo Tarallo (2003, p.7) “[...] podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana”.

Conforme Martelotta (2011, p. 141) “a Sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. Portanto, segundo o autor, a língua não pode ser estudada fora do contexto

situacional, pois ela é uma “instituição social” e não uma “estrutura autônoma”, sendo modificada pelos falantes de acordo com as circunstâncias de intimidade, escolaridade, situação, entre outras. Para Martelotta (2011, p.141) “A Sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística”.

Nesta perspectiva, as ocorrências de variações estão presentes e podem ser observadas no cotidiano dos usuários da língua materna, seja por intermédio de aspectos sociais e situacionais, vinculando diretamente as variantes à própria língua. Martelotta (2011, p.141) também afirma que “a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos/estruturais e por fatores extralinguísticos de vários tipos”. Ou seja, a variação representa a capacidade de adaptação da língua às mais variadas formas comunicacionais.

Labov (2008, p.14), já defendia na década de 1960, o caráter natural da variação linguística:

Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala - na língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos.

Entendemos, portanto, que essa diversidade deve ser trabalhada em sala de aula, respeitando e buscando conhecer a realidade de nossos alunos, o meio social no qual estão inseridos, suas origens, classe social, pois segundo Bagno (2008, p. 33),

Antes de empreender qualquer trabalho pedagógico, é necessário reconhecer e conhecer a realidade sociolinguística do público-alvo, para que se possa partir dela em direção à ampliação do repertório linguístico e da competência comunicativa dos aprendizes.

Desta forma, quando percebemos a relação da língua e sua heterogeneidade, destacamos a importância dos estudos e pesquisas sobre a variação linguística e o relevante papel de levarmos o conhecimento dessa variação para a sala de aula, levando em consideração a realidade social na qual nossos alunos estão inseridos, de forma que esses aprendizados sejam significativos e buscando respeitar sua individualidade enquanto sujeito social. Conforme Bortoni-Ricardo (2009, p.38), [...] uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes

do educando está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças.” Para Labov (2008, p. 302),

Todo linguista reconhece que a língua é um fato social, mas nem todos dão a mesma ênfase a esse fato. Quando os linguistas escrevem sobre mudança linguística, encontramos um grau muito diferente de preocupação com o contexto social em que essas mudanças ocorrem.

Na próxima seção, teceremos algumas considerações sobre a variação linguística e a importância de sua abordagem em sala de aula.

2.2 A variação linguística e seu papel na língua

A variação da língua ocorre devido a influência em dois grandes polos: linguísticos e extralinguísticos. O primeiro se caracteriza por mudanças que ocorrem devido à própria natureza linguística da língua, e o segundo por motivos externos ao elemento linguístico. Entendemos que a variação constitui um fenômeno natural e intrínseco a toda e qualquer língua natural. Porém, tal afirmação não é bem compreendida pela maioria dos falantes, que consideram a língua um fenômeno inflexível, homogêneo e imutável.

Com relação à variação linguística, Bagno (2016, p.39) enfatiza que:

A variação linguística tem que ser *objeto* e *objetivo* do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da *identidade* cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e condenar os *seres humanos que a falam*, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes [...]

Segundo Martelotta (2011, p.19), “podemos dizer que as línguas variam e mudam ao sabor dos fenômenos de natureza sociocultural que caracterizam a vida na sociedade.” Essas variações acontecem para designar novos objetos, novos conceitos ou novas formas de relação social e surgem da vontade individual ou dos grupos de identificar através da linguagem.

Os estudos de Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007) destacam alguns fatores, dentre outros possíveis, que se mostram instigantes para os estudos da

linguagem. Podemos destacar: origem geográfica, *status* socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais, entre outros.

Dessa forma, devemos levar em consideração o contexto, a prática social em que ocorre a interação comunicativa. Corroborando a essa ideia, Bagno (2007, p.45) afirma que “[...] todo e qualquer indivíduo varia sua maneira de falar, monitora mais ou menos seu comportamento verbal, independentemente de seu grau de instrução, classe social, faixa etária etc.”, e isso é apreendido no convívio social, nas diversas interações vivenciadas.

Conforme destaca Faraco (2005, p. 34-35), a variação linguística pode ocorrer em todos os níveis da língua, desde o fonético-fonológico ao estilístico-pragmático:

Qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática. A classificação geral das mudanças é feita utilizando-se os diferentes níveis comuns no trabalho de análise linguística. Assim, na história de uma língua, pode haver mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais, pragmáticas.

Tais níveis linguísticos, são explicitados e exemplificados por Bagno (2007):

- Variação fonético-fonológica: ocorre quando uma palavra é pronunciada de maneiras diferentes. Exemplo: as diversas formas de se pronunciar o /r/ da palavra “porta” no português brasileiro;
- Variação morfológica: termos que expressam a mesma ideia, porém são construídos com sufixos diferentes. Exemplo: “pegajoso” e “peguento”;
- Variação sintática: posição dos termos de formas diferentes nas frases, porém com o mesmo sentido. Exemplo: Uma história que ninguém prevê o final. / Uma história que ninguém prevê o final dela. / Uma história cujo final ninguém prevê.
- Variação semântica: o significado e o sentido de uma palavra variam dependendo da origem regional do falante. Exemplo: vexame pode significar “vergonha” ou “pressa”.
- Variação lexical: palavras diferentes que se referem à mesma coisa. Exemplo: mandioca, macaxeira e aipim designam o mesmo tubérculo.
- Variação estilístico-pragmática: expressões que são usadas com maior ou menor grau de formalidade, dependendo do ambiente e da intimidade

entre os interlocutores nas diferentes situações de interação, podendo ser pronunciadas pelo mesmo interlocutor. Exemplo: “Por favor, queira sentar.” / “Senta aí logo.” / “Vamo sentano aí, pessoal.”

Dentre os níveis mencionados anteriormente, nesta pesquisa, analisamos a variação lexical, contextualizada na próxima seção.

2.3 A variação lexical e sua importância no ensino da LP

O léxico surgiu da necessidade do homem em nomear seres e objetos, de modo geral. É através do léxico que podemos perceber as alterações de significação de uma ou outra palavra, dependendo do contexto no qual ela está inserida.

Temos, atualmente, vários estudos sobre o léxico, que abrangem diferentes disciplinas, tais como Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Socioterminologia, entre outras. Carvalho (2009) afirma que “o léxico, palavra de origem grega *léxicon*, em sentido lato, é sinônimo de vocabulário. É entendido com o inventário completo dos vocabulários que constam sempre em dicionários de uma língua.”

Segundo Isquierdo (2001, p. 14), o “léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”. No léxico, observamos, mais nitidamente, a língua em movimento, já que o léxico se constitui de um sistema dinâmico e aberto, pois a cada momento histórico, social e cultural, novas palavras surgem enquanto outras desaparecem parcial ou totalmente.

Com relação à variação lexical, Basílio (2007, p. 21) afirma:

A respeito da variação lexical, pode-se dizer que as mudanças políticas e culturais não causaram, nem causam transformações imediatas no sistema lexical, pois todas as mudanças no léxico resultam da fala, ou seja, do uso da língua – através da fala se produzem as mudanças no sistema lexical, mudando as normas e, conseqüentemente, criando novas normas.

Desta forma, os estudos lexicais explicam o uso de certas palavras em determinadas condições linguísticas e extralinguísticas, identificando léxicos característicos presentes nos diversos grupos sociais: léxico de faixa etária, de profissão, escolaridade, entre outros. De acordo com Aragão (1999, p. 18), “as variações lexicais podem também ser, e geralmente são consideradas, ora como

puramente geográficas (dialetais ou diatópicas), como sociais (diastráticas), ou ainda dependentes do estilo (estilísticas ou diafásicas)". Ao observar esses diversos fatores, compreendemos que não existe apenas um modo de falar e devemos, portanto, levar em consideração na realidade da nossa sala de aula.

Importa, em nossa pesquisa, o fator extralinguístico de natureza geográfica, o qual resulta em variações na forma em se denominar entes através de palavras e de estruturas sintáticas particulares a uma região específica. Castilho (2010, p. 198) defende ser essa a variação mais perceptível, sendo necessário apenas iniciar uma conversa para perceber se essa pessoa é ou não de nossa região. Segundo o autor:

Há uma correlação entre a região de origem dos falantes e as marcas específicas que eles vão deixando em sua produção linguística. Portugueses e brasileiros não falam do mesmo jeito. Brasileiros do Norte, do Nordeste, do Sudeste, do Centro-Oeste e do Sul tampouco falam exatamente do mesmo jeito.

Neste trabalho, enfocaremos a variação lexical que tem a ver com as diferenças linguísticas observáveis entre falantes de diferentes regiões do Brasil. Trazer o (re)conhecimento da variação lexical para a sala de aula faz parte do importante trabalho de valorizar nossa língua em todas as suas diversidades e, em consequência, minimizar o preconceito linguístico. É imprescindível mostrar aos alunos que o nosso país é formado por diferentes culturas, que as pessoas têm maneiras particulares e diferenciadas de falar e que devemos respeitar o falar de cada um.

Bortoni-Ricardo (2004, p.49) aponta que a complexidade e individualidade do falante "equivale à própria ação humana, por sua vez, determinada por fatores biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais." Esse conjunto de fatores faz com que nossas interações sejam tão ricas em diversidade. Ainda pelos preceitos de Bortoni-Ricardo (2009, p. 25), temos que:

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande uso de variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal.

Martelotta (2011, p.19) afirma que "as línguas acabam sofrendo mudanças em decorrência de modificações nas estruturas sociais e políticas." E essas mudanças

também podem ser percebidas no vocabulário. Palavras acabam entrando em desuso enquanto novos termos surgem. E o mesmo objeto pode ter diferentes designações de acordo com as diferentes regiões do país.

A relevância de falarmos sobre variação no contexto escolar é defendida por Bagno (2008, p.32) quando afirma que:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português brasileiro e passem a reconhecer a *verdadeira diversidade linguística de nosso país* para planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades sem prestígio social.

A escolha da variação lexical para essa pesquisa deve-se ao fato de, no cotidiano da sala de aula, ela já ser percebida pelos alunos diante do fato de a professora/pesquisadora, apesar de natural da mesma cidade que os participantes, ter morado grande parte da vida em outra região e, em alguns momentos, apresentar palavras desconhecidas para os alunos, com o mesmo significado das palavras usadas por eles.

Muitas vezes o aluno não entende que há diferentes formas de nomear as coisas e que isso não significa que uma é correta e que a outra é errada. Entendemos que trazer essa consciência para o aluno, de que formas diferentes de falar não são erradas e que a heterogeneidade deve ser respeitada é muito importante para desenvolvermos sua competência comunicativa. Conforme Krieger (2012, p. 59),

A variação torna evidente que o léxico de um idioma é heterogêneo, ou seja, ele é composto de palavras e locuções que nascem, são ou foram usadas em vários lugares, em épocas diferentes; envolve também saberes diferenciados, usos cultos, gírias, entre outras possibilidades. Apesar disso mantém uma característica: a referência é a mesma, mas a palavra que denomina é outra. Por isso, variantes são formas de dizer distintas de uma mesma língua.

Contudo, ao levarmos o estudo da variação para a sala de aula, não buscamos menosprezar o ensino das regras da gramática normativa. Pelo contrário, é o conjunto desses saberes, ministrados de forma coerente, que levará o aluno a entender a adequação e inadequação da língua, nos diferentes contextos sociais, bem como perceber que variação é diferente de inadequação.

Como afirma Bagno (2016, p.39) “[...] ainda existe lugar, em sala de aula, para o estudo explícito da gramática, desde que ele não seja visto como um fim em si

mesmo nem como o aprendizado de um conjunto de dogmas, de verdades absolutas e imutáveis [...]”. O autor defende ainda que “[...] a reflexão sobre a língua deve ser feita por meio de uma *investigação* de fatos linguísticos reais, em manifestações faladas e escritas autênticas, e por meio do confronto crítico entre as abordagens tradicionais e as teorias científicas mais recentes [...]” (BAGNO, 2016, p. 39). Dessas observações, enfatizamos a importância da pesquisa em sala de aula, que não deve ser incentivada só nas disciplinas das áreas de conhecimento como Ciências da Natureza e Ciências Exatas. Ela deve ocorrer também em aulas de LP. Entendemos, portanto, que a educação linguística deve ter como objetivo a construção da cidadania, pois conforme Bagno (2016, p. 39-40)

[...] é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem maneiras diferentes de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece aos seus falantes; também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se também houvesse variação (e mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados,, inclusive em gêneros escritos mais monitorados.

É importante despertarmos no aluno o respeito às diversidades como forma de combater o preconceito linguístico ainda tão persistente em nossa sociedade. Mostrar que não existe um modo de falar superior ao outro, que existem diferenças e que elas fazem parte da riqueza e da heterogeneidade da LP. Conforme Bortoni-Ricardo (2004, p. 33):

Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigou na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. É um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais.

Ampliar esse conhecimento das diversidades lexicais presentes em nosso país, incluindo não só nossa experiência em sala de aula diante das variações, como também o aporte teórico dos pesquisadores da área, como forma de valorização da nossa língua, torna-se, portanto, significativo e relevante, tanto para a professora/pesquisadora quanto para os participantes.

Como forma de tornar esse aprendizado inovador e dinâmico, buscamos um gênero textual presente no dia-a-dia dos participantes, que estão cada vez mais

inseridos nas redes sociais e, através delas, fazem a maioria de suas leituras, seja para informação, para comunicação, para pesquisas ou para lazer. O meme se mostrou ser um gênero bastante adequado para essa finalidade. Nesse sentido, para essa pesquisa, buscamos analisar memes do personagem humorístico regional “Suricate Seboso”, no qual podemos observar a presença da variação lexical.

Algumas considerações sobre o gênero textual meme e seu uso como recurso pedagógico com o propósito de tornar as aulas mais interativas e dinâmicas, serão apresentadas na próxima seção.

2.4 O meme na sala de aula como recurso didático

Não podemos negar a importância das redes sociais no mundo atual. A sociedade como um todo, incluindo nossos alunos, estão cada vez mais inseridos no universo, sendo este, atualmente, o mais importante meio de interações comunicativas e de propagação de informações. Segundo Marcuschi (2004, p. 20),

É inegável que a tecnologia do computador, em especial com o surgimento da internet, criou uma imensa rede social (virtual) que liga os mais diversos indivíduos pelas mais diversificadas formas numa velocidade espantosa e, na maioria dos casos, numa relação síncrona. Isso dá uma nova noção de interação social.”

Conforme Mattar (2005, p. 103), “entramos, há poucas décadas, na era da informática, e uma nova ruptura se estabelece. Da estabilidade da linguagem representada estaticamente nos livros, passa-se à instabilidade eletrônica. Dos escribas aos internautas”.

Mattar (2005, p. 103) ainda complementa que “a informação agora se apresenta digitalizada e virtualizada, não mais restrita ao suporte do papel. Do texto impresso, passamos ao texto processado; do livro impresso ao livro eletrônico.”

Em virtude disto, sabemos que grande parte do que os nossos alunos leem é encontrado em redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*. Essas redes sociais nos apresentaram novas formas de interação comunicativa através de novos gêneros textuais, dentre os quais destacamos o meme.

Atualmente, qualquer fato que venha a ocorrer, seja a queda da celebridade na entrega de um prêmio importante, sejam as quedas do jogador famoso numa partida importante de futebol, ou ainda a queda de um político, gera

imediatamente vários memes. E esses, são aguardados e divulgados ansiosamente pelos internautas. Marcuschi (2004, p. 19) enfatiza que:

É incontestável que a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na Internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e som. Por outro lado, a ideia que hoje prolifera quanto a haver uma “fala por escrito” deve ser vista com cautela, pois o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas.

Desta forma, com relação à escolha do gênero meme, que apresenta essas características, enfatizamos que o mundo atual é multiletrado e interativo, apresentado as informações em diferentes formatos, mídias e linguagens, que podem ser recontextualizadas, produzidas pelo próprio autor ou a partir de outros conteúdos já existentes.

Assim, o meme aparece como fator de promoção da interação social, pois, como afirma Guerra e Botta (2018) “essa nova forma de comunicação tem sido usada para comentar fatos e acontecimentos considerados relevantes pela população, sobretudo os que envolvem política, futebol, fatos do dia a dia e a vida de celebridades”.

Apesar desse universo digital ser bastante familiar às novas gerações, com a mediação do professor, os alunos podem ser orientados em relação a uma melhor interpretação de sua função social, desenvolvendo assim a criticidade para interagir *online* e para analisar os diferentes gêneros que fazem parte da sociedade moderna.

Sobre o conceito de multiletramentos, Rojo (2012, p. 13) destaca que ele “aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossa sociedade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.” Por sua vez, Dionísio (2006, p. 160) destaca que, em uma sociedade cada vez “mais visual”, os textos multimodais “são textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa”.

Assim, procuramos promover essa reflexão com o aluno, trazendo para a sala de aula o meme, um gênero multimodal, criado com diferentes objetivos de comunicação e interação, como a crítica, o humor, a indignação, que tem entre suas características uma estrutura mais ou menos fixa, facilmente identificável e que por estar presente nas diferentes redes sociais acessadas pelos alunos, faz parte do cotidiano deles.

Conforme Rojo (2012, p. 18), “no que se refere à multiplicidade de linguagens, modos ou semioses nos textos em circulação, ela é bastante evidente [...] nos textos em circulação social, seja nos impressos, seja nas mídias audiovisuais, digitais ou não.” A autora complementa:

É o que tem sido chamado de multimodalidade ou multissemiose dos textos contemporâneos que exigem multiletramentos. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar (ROJO, 2012, p. 19).

Encontramos no meme essa relação de imagem, texto escrito e outros elementos gráficos, que possibilitam a compreensão dos sentidos sociais ali construídos.

Por estar presente no dia a dia dos alunos e por sua estrutura simples, de fácil compreensão e com diferentes interações comunicativas, consideramos que o gênero meme despertará sua atenção, tornando o aprendizado sobre variação lexical mais dinâmico e significativo.

Sobre as novas formas de comunicação, Marcuschi (2002, p. 19) afirma que as novas tecnologias comunicacionais e as interferências delas nas atividades do dia a dia propiciam o surgimento de novos gêneros:

Esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações ab ovo, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes. O fato já fora notado por Bakhtin [1997], que falava na 'transmutação' dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos. A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas.

No entanto, o termo *meme* e seu conceito não são, como imaginávamos, tão atuais. Eles foram introduzidos em 1976 por Richard Dawkins em uma obra intitulada “O gene egoísta”, na qual o autor compara o meme ao gene da cultura e a evolução cultural com a evolução genética. Na etimologia da palavra, o termo vem do grego *mimeme* e significa imitação. Ou seja, no meio digital chamamos de meme estratégias de comunicação que se baseiam em manifestações culturais que são replicadas entre as pessoas.

Conforme Moraes, Mendes e Lucarelli (2011, p. 5-6), o meme é

Todo conhecimento adquirido por réplica, tudo aquilo observado e imitado é considerado meme, como os hábitos, os valores, os padrões estéticos e qualquer produto cultural difundido. Uma vez copiado, o meme ajuda na

implantação de crenças e valores, ganhando mais força a cada novo hospedeiro e garantindo sua autenticidade por meio da familiaridade.

No ambiente virtual, por sua vez, os memes “são entendidos como ideias, brincadeiras, jogos, piadas, ou comportamentos que se espalham através de uma replicação de forma viral” (FONTANELLA, 2009, p.8), que são caracterizados a partir de determinados aspectos sociais, culturais, temporais, espaciais, entre outros.

Segundo Recuero (2007, p. 23), o meme é o “gene” da cultura e “se perpetua através de seus replicadores, as pessoas”. Para a autora, no meme, “as mudanças e transformações são frequentes e comparadas, em sua abordagem, às mutações genéticas: essenciais para a sobrevivência do meme” (RECUERO, 2009, p. 133).

Desta forma, reconhecemos que as redes sociais e os memes se fazem presentes cada vez mais no cotidiano dos nossos alunos. Assim, amparados pelos teóricos citados, procedemos às análises das variações lexicais presentes no gênero meme e ressaltamos a importância de ensinar a variação linguística como fator de valorização da heterogeneidade da nossa língua e procurando desmistificar o conceito de certo e errado como forma de combater o preconceito linguístico.

2.5 A Lexicografia Pedagógica

A Lexicografia é a ciência responsável por estudar os aspectos relativos à organização e à elaboração dos dicionários, explicando teoricamente. Em uma concepção aplicada, segundo Casares (1950), é a arte e a técnica de elaborar dicionários.

Conforme Santiago (2012, p. 1), “o dicionário é uma obra metalinguística que se destina à consulta, pois é o lugar de registro e legitimação das unidades que compõem o léxico.” Está organizado, usualmente, em ordem alfabética e, além de apresentar seus significados e sentidos, sua classe gramatical, sua origem, também responde dúvidas quanto à existência ou não de um novo termo.

Pelas definições de seus próprios verbetes, o dicionário é o registro do conjunto de palavras de um idioma e de seus significados, em geral, apresentados em ordem alfabética. De acordo com Krieger (2012, p. 9-10):

Pelo conjunto de informações que encerra, o dicionário é um lugar privilegiado de lições sobre a língua, mas também sobre a linguagem. Isso

porque os dicionários mais informativos avançam em registros que mostram aspectos – semânticos, linguísticos e textuais, implicados pelos usos da palavra nas práticas discursiva.

O dicionário desempenha outras funções, além de catalogar e preservar a memória do componente lexical da língua, funcionando como obra de referência do léxico de um idioma. Conforme Krieger (2012, p. 18), “o dicionário é o único lugar formal que registra, sob a forma de código próprio, a ‘totalidade’ das palavras e expressões de uma língua com seus respectivos significados.”

Krieger (2012, p.18) também destaca que a Lexicografia “nem sempre consegue acompanhar o dinamismo lexical, porque a todo momento, surgem novas palavras, assim como outras caem em desuso.” E complementando, Krieger (2012, p.19) compara o dicionário a “uma espécie de cartório de registro das palavras. É que, ao registrar uma palavra, concede-lhe a ‘certidão de nascimento’ e, desse modo, institucionaliza o conjunto léxico das línguas.”

Existem vários tipos de dicionário: monolíngue, bilíngue, trlíngue, escolar, terminológico, de sinônimos, incluindo os modelos reduzidos, como os minidicionários, dicionários de bolso, dicionários *on-line*, dentre outros. Nesta pesquisa, vamos considerar, pautados na Lexicografia Pedagógica, o dicionário escolar, por acreditar que eles devem ser utilizados com mais frequência nas aulas de LP e que, para tal, os professores precisam conhecer mais a fundo seus elementos estruturantes e suas principais funcionalidades.

Sobre as relações entre dicionário e ensino, Krieger e Müller (2019, p. 195) afirmam que “o desenvolvimento dessas relações fundamenta-se na motivação primeira da Lexicografia Pedagógica: tornar o uso do dicionário produtivo e orientado para o ensino de línguas.” Acreditamos que fazer bom uso do dicionário, como ferramenta didática, contribui no ensino/aprendizagem dos nossos alunos, levando-os a uma maior expressividade e interpretação dos textos estudados. Contudo, percebemos em nossa vivência em sala de aula que o uso do dicionário escolar fica aquém de sua importância e que seu uso se restringe à consulta de ortografia de determinada palavra ou ao seu significado.

Ainda de acordo com Krieger e Müller (2019, p.1951), a Lexicografia pedagógica é um “domínio ainda novo, não só no Brasil, mas também no panorama internacional.” Os próprios professores, na maioria das vezes, não receberam uma

formação teórico-metodológica sobre a Lexicografia Pedagógica, de forma que os alunos acabam por não serem orientados a usar o dicionário adequadamente.

Pontes e Santiago (2009, p. 107) afirmam acreditar “que as formas de pensar dos professores e dos alunos sobre dicionário originam-se de suas próprias experiências; da incorporação de ideias de lexicógrafos tradicionais; da metodologia usada pela escola; e de textos didáticos adotados em sala de aula.”

Dessa forma, entendemos que o dicionário escolar é uma importante ferramenta pedagógica no ensino de língua materna e, diante disso, concordamos com a expressão de Krieger (2012, p.10) de que devemos “ajudar a tirar o dicionário da prateleira e, sobretudo, a usá-lo de forma mais produtiva nos projetos de ensino/aprendizagem.”

2.5.1 Partes constitutivas do dicionário

Dentre suas partes constitutivas, o dicionário é organizado em dois eixos: o da macroestrutura e o da microestrutura. Na macroestrutura, observamos três partes principais:

- a) as páginas iniciais, que incluem apresentação, prólogo, introdução, instruções de uso, listas e abreviatura;
- b) o corpo do dicionário, ou seja, o dicionário em si, onde se apresentam as palavras registradas, as microestruturas denominadas verbetes;
- c) as páginas finais, que geralmente se incluem anexos, tabelas, bibliografia, informações enciclopédicas etc.

A microestrutura constitui-se de informações ordenadas dentro de cada verbete e este caracteriza-se com o conjunto das acepções e outras informações relacionadas à entrada do dicionário. O verbete tem uma estrutura padrão, que segue a tradição de um código lexicográfico, havendo bem poucas diferenças entre os dicionários. Segundo Pontes (2009, p.),

Fazem parte, essencialmente, de um verbete de dicionário escolar, os seguintes paradigmas: palavra-entrada, categoria gramatical, definição. Outros elementos, tais como informações etimológicas, marcas lexicográficas, informações fônicas, exemplos e abonações de uso, fraseologias, subentradas, sinônimos e remissivas também podem aparecer, dependendo do tipo de dicionário, da feição da microestrutura e para quem a obra seja destinada.

É importante destacar que nem sempre vamos encontrar a totalidade de palavras que procuramos. É comum que o verbete seja registrado no masculino e no singular e não se costuma registrar aumentativos ou diminutivos, a menos que tenha se tornado uma nova palavra.

2.5.2 Classificação dos dicionários escolares do Programa Nacional do Livro Didático

Levando-se em consideração que o dicionário é uma importante obra pedagógica, mas com carência de uma melhor elaboração, foi criada a Comissão Técnica de Avaliação de Livros Didáticos, pertencente ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Ministério da Educação. Essa comissão, composta por profissionais especializados, teve como missão avaliar os livros didáticos, incluindo os dicionários escolares. Tal ação representou mudanças importantes e reconheceu a importância dos dicionários como obra pedagógica.

Com relação à classificação proposta para os dicionários escolares, foram adotadas novas diretrizes e, segundo o PNLD 2006, temos:

- Obras de tipo 1, para o 1º ano do EF, com mínimo de 1.000 e máximo de 3.000 verbetes;
- Obras de tipo 2, do 2º ao 5º ano do EF, entre 3.500 e máximo de 10.000 verbetes;
- Obras de tipo 3, do 6º ao 9º do EF, com mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes;

Para o PNLD 2012, esta classificação passou por mudanças e incluiu:

- Obras de tipo 4, para ensino médio e profissionalizante, com mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes.

É importante destacarmos a relevância dessa classificação, pois da mesma forma que existem livros didáticos adequados aos diferentes níveis de ensino, cabe à escola, e mais especificamente ao professor, usar os dicionários respeitando as diversas fases de aprendizagem dos alunos. Para isso, faz-se necessário que o professor conheça bem os modelos e a proposta lexicográfica de cada obra.

Reconhecemos que o dicionário é um importante recurso didático para que o aluno amplie sua competência lexical e, conseqüentemente, melhore suas interações comunicativas, orais e escritas, ampliando sua aprendizagem sobre a língua e a linguagem. Sobre isso, Krieger (2012, p. 63) afirma que:

O ideal é que o aluno compreenda que, em sua formação, precisa trilhar caminhos novos e desafiadores, valendo-se dos ensinamentos que lhe são oferecidos nas aulas de língua materna e da riqueza de informações que o dicionário registra. E também se sinta motivado para ler, melhor, redigir e ainda revisar o próprio texto, buscando torná-lo mais adequado e eficaz, em função de seus propósitos comunicacionais e os do seu leitor. Por tudo isso, é essencial saber lidar com o mundo das palavras, reconhecendo os arranjos semânticos e expressivos que seu uso adequado proporciona, além das condições gramaticais e sintáticas exigidas pela contextualização das palavras nas frases e textos.

Entendemos que a aquisição do léxico é um processo e que se amplia ao longo da nossa vida. É papel da escola envolver os alunos em atividades que ampliem sua competência lexical, pois não podemos negar que a riqueza de vocabulário é importante para desenvolver as habilidades leitora e de produção textual dos nossos alunos, tornando-os melhor preparados para as diversas práticas comunicativas.

Defendemos, portanto, que o dicionário, seus registros, seu uso e organização, podem contribuir nas aulas de LP, através das relações linguísticas, semânticas e discursivas e das atividades propostas a partir do seu uso efetivo, levando nossos alunos a trilhar esses “caminhos novos e desafiadores” propostos por Krieger (2012).

Reconhecendo o importante papel didático dos dicionários e como forma de tornar seu uso ainda mais significativo e produtivo, nos propusemos, além de levar os alunos a entenderem a estrutura e as funções do dicionário escolar, orientá-los a produzir um minidicionário de variações lexicais como produção final da nossa SD.

Em consonância com os pressupostos teóricos que nortearam nossa pesquisa, no próximo capítulo sistematizamos os aspectos metodológicos pertinentes à dimensão prática orientada por tal aporte, apresentando a sua abordagem, que está inserida no âmbito da Linguística Aplicada, respaldada pelos princípios da pesquisa-ação, a caracterização dos participantes, o ambiente onde a pesquisa foi desenvolvida, a constituição do *corpus* e a proposta interventiva, desenvolvida através de uma SD composta de seis (06) módulos.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para apresentarmos o aparato metodológico que foi utilizado para a aplicação e desenvolvimento da pesquisa, contextualizamos a seguir sua abordagem e o objeto de investigação, a caracterização dos informantes, o ambiente da pesquisa, a construção do corpus e a proposta de intervenção pedagógica.

3.1 Abordagem da pesquisa

A pesquisa está inserida no âmbito da Linguística Aplicada e foi respaldada nos princípios da pesquisa-ação, uma vez que diagnosticamos uma dificuldade em sala de aula e buscamos uma solução, através de uma intervenção pedagógica envolvendo a professora/pesquisadora e os alunos/participantes. De acordo com Thiollent (2011, p. 20):

[...] uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida.

Desta forma, reconhecemos que nossa pesquisa pode assim ser classificada e ressaltamos a pertinência deste tipo de pesquisa em nossa prática docente, pois, segundo Thiollent (2011, p. 21), a pesquisa-ação é:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Além disso, esta pesquisa é de abordagem quanti-qualitativa, pois possibilita uma análise mais profunda sobre o objeto de estudo, inclusive relacionando o estudo a fatores sociais. Segundo Creswell (2007, p. 3), “a pesquisa de métodos mistos se encontra no meio deste *continuum* porque incorpora elementos de ambas abordagens”. Diante disso, entendemos que quantidade e qualidade não estão totalmente dissociadas nesta pesquisa e consideramos que os dados gerados por métodos diferentes podem agregar valor, proporcionando um olhar mais amplo do problema investigado.

Também nos orientamos nos pressupostos de Mattar (2005), sobre o trabalho científico na era da informática, uma vez que parte do material utilizado em nosso *corpus*, os memes para análise, será retirado da internet.

Para a realização da intervenção pedagógica proposta, foi elaborada uma SD, que segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.82) “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” Ainda segundo os autores (2004, p. 83) “uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”.

A SD, estruturada em módulos, partiu da apresentação da situação para a comunidade escolar, envolvendo pais, alunos, gestão e equipe pedagógica, seguida de produção inicial feita pelos participantes e se desenvolveu através de várias atividades, propostas em seis (06) módulos, até a produção final. A partir dessa sequência, partimos para a análise dos dados da pesquisa.

3.2 Caracterização dos participantes

A intervenção pedagógica foi realizada em uma turma de 7º ano do EF de uma escola pública da rede estadual de ensino, no município de Parelha/RN, composta por 27 alunos, sendo 16 participantes do sexo masculino e 11 participantes do sexo feminino, todos residentes na zona urbana da cidade. As idades variam entre 12 e 17 anos.

Além destes, participou também a professora/pesquisadora, que leciona na escola há cinco (05) anos, em turmas de EF/anos finais, Ensino Médio e Educação para Jovens e Adultos e que esteve interagindo com os participantes do 7º ano durante toda a intervenção pedagógica. A turma estuda no turno matutino da escola e algumas atividades foram desenvolvidas no contra turno, conforme disponibilidade dos participantes e dos espaços físicos da escola, como o laboratório de informática.

Ressaltamos a relevância da participação efetiva e interessada dos participantes envolvidos nesta pesquisa, que acolheram todas as atividades propostas na SD com motivação, contribuindo, desta forma para os resultados conquistados.

3.3 Ambiente da pesquisa

A intervenção pedagógica foi realizada em vários ambientes disponíveis na escola, que possui em sua estrutura física 10 salas de aula, uma biblioteca com acervo relevante de livros, laboratórios de informática e de ciências, telessala, auditório, quadra de esportes, refeitório e banheiros de alunos e funcionários, além das áreas administrativas, direção, secretaria e sala de digitação.

Apesar da boa estrutura, ressaltamos que, como outras instituições públicas, a escola também padece com problemas de conservação, carência de verbas e de funcionários. A escola apresenta três turnos de aulas (matutino, vespertino e noturno), em três níveis: ensino fundamental anos finais, novo ensino médio e educação para jovens e adultos (EJA).

Iniciamos a intervenção pedagógica na sala de aula, orientando os participantes para a aplicação da SD. Outros ambientes da escola também foram usados em diversos momentos, como a telessala, para assistirmos vídeos; o laboratório de informática, para pesquisas sobre os memes; a biblioteca, inicialmente para conhecermos os dicionários escolares e posteriormente na culminância, para apresentação da pesquisa realizada e do minidicionário produzido como produto final.

3.4 A constituição do *corpus*

O *corpus* da pesquisa é constituído pelos questionários diagnósticos, bem como por 20 memes do personagem Suricate Seboso, os quais foram coletados pelos participantes nas redes sociais *Facebook*¹ e *Instagram*². Nesses memes, podemos observar o uso de diversas palavras e expressões que representam a cultura nordestina nas mídias sociais digitais por meio da variação linguística de natureza lexical. Tal fenômeno é perceptível tendo em vista o emprego, embora proposital com a intenção de causar humor, de unidades lexicais e fraseológicas, tradições e situações do cotidiano comuns à região nordeste do Brasil.

Este perfil foi escolhido por ser um personagem regional, especificamente pela sua identificação com os participantes, que são seguidores das respectivas contas de *Facebook* e *Instagram* deste personagem, que se identificam com as

¹ <https://www.facebook.com/suricateseboso>.

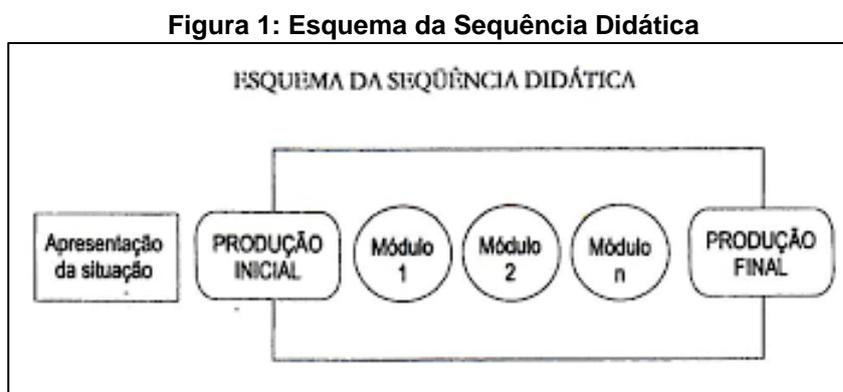
² @suricateseboso.

situações de comunicação ali apresentadas e compartilham suas publicações e memes.

Os memes pesquisados foram utilizados nos diversos módulos da SD em atividades de reconhecimento das variações, atividades de reescrita, elaboração do *quiz* e do minidicionário sobre variações regionais e o resultado de todas essas atividades também fizeram parte do *corpus* da nossa pesquisa.

3.5 Proposta de intervenção pedagógica

Buscamos, através da SD desenvolvida em seis módulos, uma forma de ressignificar os conhecimentos prévios dos alunos, levando-os a uma valorização da nossa diversidade lexical, apresentando a eles o gênero meme como recurso pedagógico, tendo como modelo a estrutura base de uma SD proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83):



Fonte: Dolz; Noverraz & Schneuwly, 2004, p. 98

É importante reconhecermos a necessidade de sistematizar estratégias pedagógicas capazes de ajudar os participantes a compreenderem a problemática exposta na SD, a maneira como ela será abordada e quais competências e habilidades serão desenvolvidas.

Conforme a estrutura proposta pelos autores já mencionados, inicialmente apresentamos aos participantes a relevância do tema abordado, com o intuito de desenvolver situações que permitissem a eles se apropriarem de noções de variação linguística voltadas para as diversas situações de comunicação. Baseados em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 88-89), buscamos capacitar nosso aluno para

“trabalhar problemas de níveis diferentes; variar as atividades e exercícios; e, capacitar as aquisições”.

Diante disto, sistematizamos nossa SD considerando os objetivos a serem atingidos, contextualizando a variação linguística e lexical, utilizando o gênero textual meme como instrumento de pesquisa, análise e reescrita, conhecendo as partes constitutivas dos dicionários escolares e finalizando nossa SD com uma produção final, que “dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos.”, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, 90).

Enfatizamos que a SD foi planejada de forma a levar os participantes a relacionar as variações lexicais encontradas nos memes ao seu cotidiano, levando-os à valorização da pluralidade linguística e à reflexão sobre o preconceito linguístico, com forma de combate-lo.

3.5.1 Sequência didática

Título: O ensino da variação lexical através dos memes.

Turma: 7º ano do EF

Apresentação: A presente intervenção pedagógica foi realizada a partir de uma SD com seis (06) módulos, com a finalidade de trabalhar a variação lexical através do gênero textual meme, com alunos do 7º ano de uma escola da rede estadual do município de Parelhas/RN.

Tempo estimado: 3º bimestre/2019 (agosto a outubro), sendo 02 horas/aula semanais, totalizando 22 horas/aula.

Objetivo geral: Conduzir os alunos a uma reflexão sobre a língua e suas variações, de forma a valorizar as diferenças lexicais presentes no português brasileiro

Objetivos específicos:

- Identificar os diferentes modos de falar que fazem parte da identidade social e cultural de cada comunidade, em diferentes contextos;

- Desmistificar os conceitos de acerto e erro, ainda bastante persistentes no ensino de língua;
- Reconhecer as diversidades lexicais, como reflexo de uma língua social, heterogênea e sujeita a mudanças;
- Entender os memes como gênero textual e analisar as variações da língua presentes em seu contexto;
- Conhecer os dicionários escolares e sua estrutura;
- Produzir um minidicionário de variação lexical.

Conteúdos:

- Variação linguística/lexical;
- Preconceito linguístico;
- Gênero textual meme;
- Lexicografia Pedagógica.

Metodologia: A SD foi realizada em seis (06) módulos, nos quais foram planejadas e desenvolvidas as atividades. As aulas foram expositivas, dialogais e interativas, buscando o envolvimento e participação dos alunos em todos os momentos.

Recursos didáticos:

- Questionários e atividades impressas;
- Computadores;
- *Datashow* (com acesso à internet);
- Redes sociais;
- *Quiz on-line*;
- Dicionários escolares.

AVALIAÇÃO: a avaliação foi feita de forma continuada, durante toda a aplicação da intervenção pedagógica, levando-se em consideração critérios como: participação, desenvolvimento e cumprimento das atividades propostas.

Módulo I: Questionários diagnósticos - 2 horas/aula

1. Iniciamos o primeiro módulo com a aplicação dos questionários diagnósticos iniciais, em dois momentos: questionário socioeconômico e questionário sobre variação lexical, ambos impressos, que foram respondidos em sala de aula

Módulo II - Contextualização da Variação Linguística/Lexical - 4 horas/aula

1. Os alunos foram levados à telessala para assistir alguns vídeos exibidos na série de reportagens denominada “Sotaques do Brasil” do Jornal Hoje, dentre os quais temos os que falam mais especificamente sobre variação lexical.
2. De volta à sala de aula, decidimos fazer uma roda de conversa para, de forma mais descontraída, descobrirmos os conhecimentos prévios deles sobre variação lexical.
2. Fizemos a contextualização da variação linguística e lexical, através de aula expositiva e atividades.
3. Ainda na sala de aula foi feita a apresentação de *quiz online* sobre variações lexicais, usando o *datashow* conectado à internet.

Módulo III: Apresentando o meme como gênero textual - 4 aulas

1. Os participantes foram levados ao laboratório de informática, para pesquisar alguns memes e conhecerem sites nos quais memes podem ser criados pelos próprios alunos, como por exemplo o “Gerador Meme”.
2. Ainda no laboratório de informática, fizemos, inicialmente uma revisão sobre gênero textual. A seguir, explicamos o meme como gênero textual, destacando sua estrutura, sua composição, sua função comunicativa, usando como exemplos os próprios memes que eles pesquisaram.
3. A seguir, pesquisaram memes que apresentassem variação lexical, como por exemplo o perfil humorístico do personagem regional Suricate Seboso. Os memes pesquisados foram impressos para as atividades
4. Voltando à sala de aula, a partir da seleção desses memes, os alunos fizeram atividade de reconhecimento das variações lexicais encontradas. Em seguida, foi proposta uma atividade de reescrita dos diálogos encontrados nos memes, usando variações lexicais.

Módulo IV: Tirando os dicionários das prateleiras da biblioteca - 4 horas/aula

1. A turma foi levada à biblioteca para uma aula sobre dicionários escolares e sua estrutura. Com a ajuda da bibliotecária, que organizou o espaço e separou os dicionários disponível na escola, os alunos puderam manuseá-los, reconhecendo assim suas partes constitutivas.
2. Ao retornarmos à sala, foi proposta a elaboração de um minidicionário de variações lexicais.
3. Os alunos foram divididos em grupos, para anotarem em seus cadernos as variações lexicais mais usadas por eles e que foram recordando no momento.

Módulo V: Elaboração do minidicionário - 4 horas/aula

1. Com as anotações das variações, os participantes passaram à organização das palavras-chave em ordem alfabética, incluindo as classes gramaticais e os significados.
2. Após as fases de pesquisa e organização, os participantes, com a ajuda da professora/pesquisadora, organizaram o minidicionário para impressão e encadernação, incluindo, além das palavras-chave, as respectivas classes gramaticais e os significados por equivalência.

Módulo VI: Culminância do projeto - 4 horas/aula

1. Os participantes, com a ajuda da professora/pesquisadora, elaboraram um *quiz* para apresentação para as demais turmas do turno matutino, como forma de mostrarem os resultados das pesquisas que culminaram na elaboração do minidicionário de variações lexicais.
2. Para a culminância do projeto, os participantes e a professora/pesquisadora fizeram a doação do minidicionário elaborado pelos participantes, que foi doado para a biblioteca escolar,

Figura 2: Infográfico da Sequência Didática

Fonte: Elaborado pela autora

No contexto desta SD, que propôs a sistematização de estratégias pedagógicas significativas para o processo de ensino-aprendizagem sobre variação linguística dos participantes, descrevemos no próximo capítulo o detalhamento das atividades planejadas e apresentamos a análise dos dados e resultados gerados a partir da sua aplicação.

4 ANÁLISES DOS DADOS

A partir dos questionários diagnósticos e de todas as atividades aplicadas na intervenção pedagógica e à luz do aporte teórico utilizado, passamos à análise dos dados apurados.

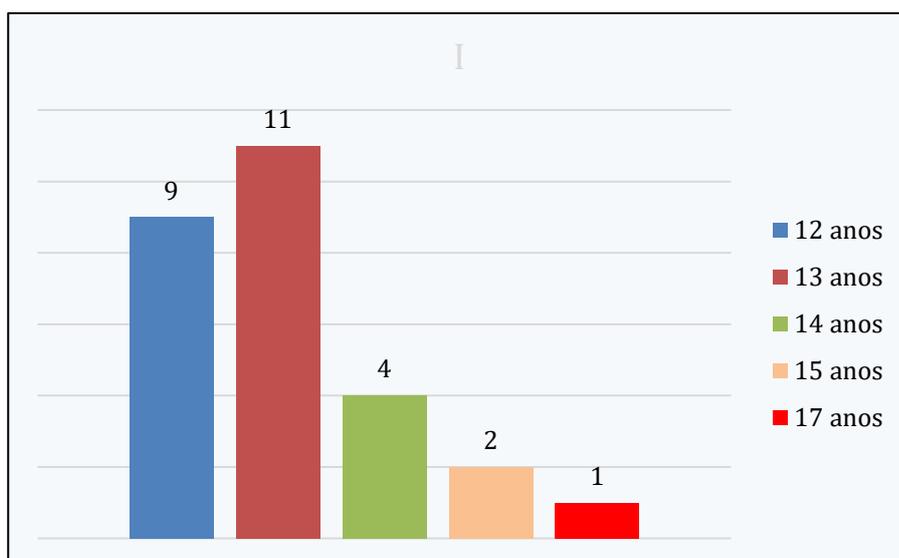
4.1 Módulo I: Questionários diagnósticos

Após apresentarmos aos participantes a relevância do tema abordado, com o intuito de desenvolver situações que permitam a eles se apropriarem de noções de variação linguística voltadas para as diversas situações de comunicação, iniciamos o primeiro módulo da SD com a aplicação dos questionários diagnósticos iniciais para levantarmos informações que norteariam a pesquisa.

Aplicamos dois instrumentos: um questionário sobre o uso da internet no cotidiano dos alunos e um questionário sobre variação lexical, ambos impressos e que foram respondidos em sala de aula. Os participantes foram identificados por números, de 1 a 27 e para as análises serão identificados de forma abreviada (P1, P2, ...P27).

No primeiro questionário (Apêndice B), constituído de 14 questões, sendo 11 objetivas e 2 mistas, procuramos saber a rotina de uso da internet dos participantes, dentre outras informações socioeconômicas como idade (questão 1), sexo (questão 2) e se residiam na zona urbana ou rural da cidade (questão 3).

Para estas três perguntas iniciais, apuramos que a turma é composta por 27 alunos, sendo 16 participantes do sexo masculino e 11 participantes do sexo feminino, todos residentes na zona urbana da cidade, mais especificamente na periferia. As idades variam entre 12 e 17 anos, ou seja, por ser a única turma de 7º ano da escola, temos tanto alunos na faixa adequada para a série, quanto alunos com distorção idade/série e que, pela idade, já deveriam estar no ensino médio. O gráfico 1 resume os dados apresentados:

Gráfico 1: Idade dos participantes

Fonte: Elaborado pela autora

Na questão 4, perguntamos “Você costuma acessar a *internet* com que frequência?”, objetivando entender qual a rotina de acesso dos participantes e se os pais supervisionavam esse uso. Obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 2: Frequência do uso da internet

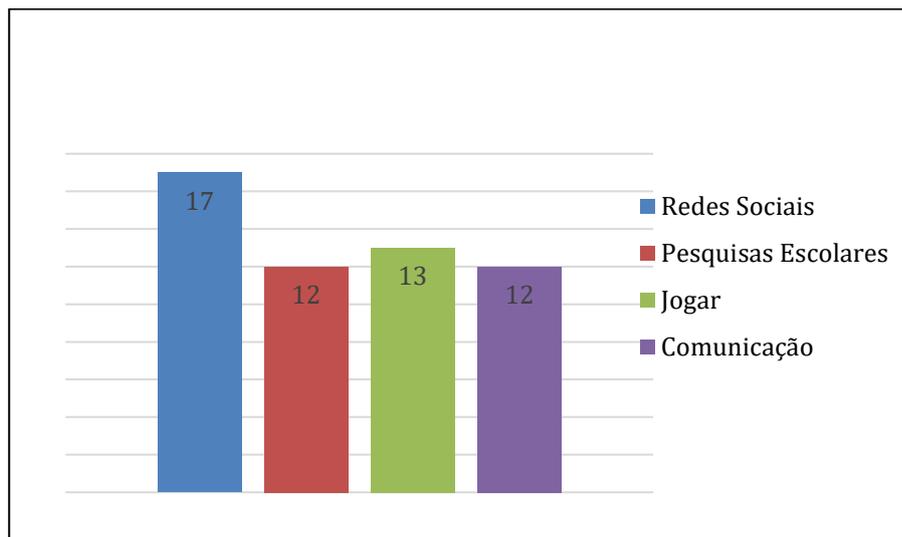
Fonte: Elaborado pela autora

Podemos observar que, dos 27 participantes, todos usam a internet no seu cotidiano, a grande maioria livremente, sendo que 5 alunos afirmaram usar em

horários determinados pelos pais ou responsáveis, e somente 2 alunos disseram só poder usar nos finais de semana.

A seguir, na questão 5, para sabermos a finalidade do acesso, perguntamos: “Você utiliza a internet para:” e tivemos as respostas expostas no gráfico 3:

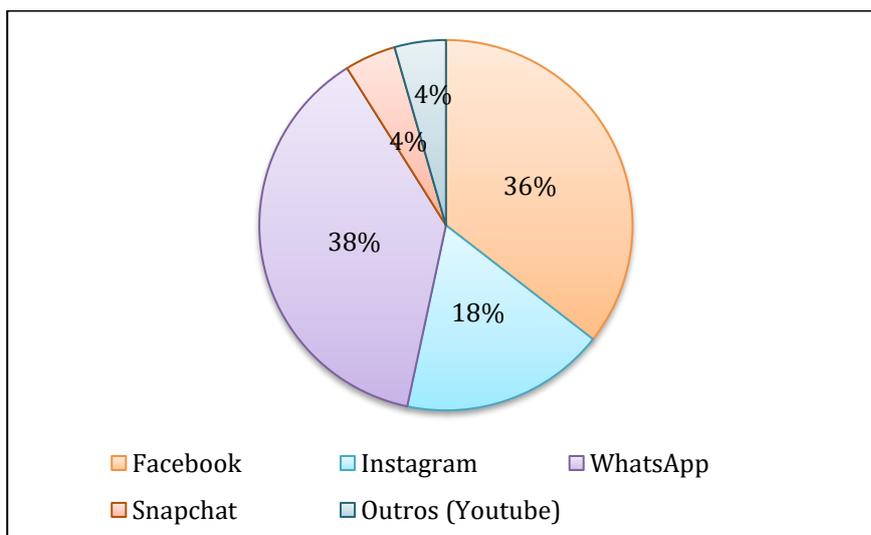
Gráfico 3: Usos da Internet



Fonte: Elaborado pela autora

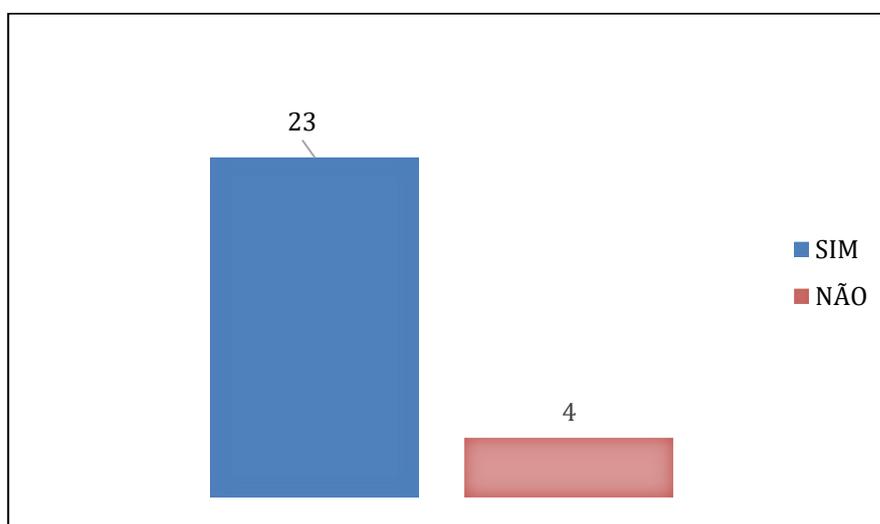
Como já prevíamos, a maioria afirmou usar a internet para atividades recreativas, como acessar as redes sociais (17 participantes) ou para jogar (13 participantes), para se comunicar (12 participantes), sendo que apenas 12 dos 27 participantes disseram usar para pesquisas escolares. Daí percebemos que, em seu cotidiano, a internet ainda não é vista como uma ferramenta didática, que pode dar suporte aos trabalhos escolares e ser usada para novos conhecimentos.

Na questão 6, questionamos “quais as redes sociais você usa com mais frequência?” e verificamos, conforme os dados do gráfico abaixo, que *WhatsApp* e *Facebook* são as redes sociais mais acessadas, somando juntas 74% da preferência dos participantes. *Instagram* aparece em terceiro, com 18% e *Snapchat* e *Youtube* empatam, cada um com 4%, conforme exposto no gráfico 4:

Gráfico 4: Redes sociais mais acessadas

Fonte: Elaborado pela autora

Também perguntamos aos alunos, na questão 6, se “quando você usa as redes sociais, você costuma curtir ou compartilhar memes com seus amigos?”. As respostas foram as seguintes:

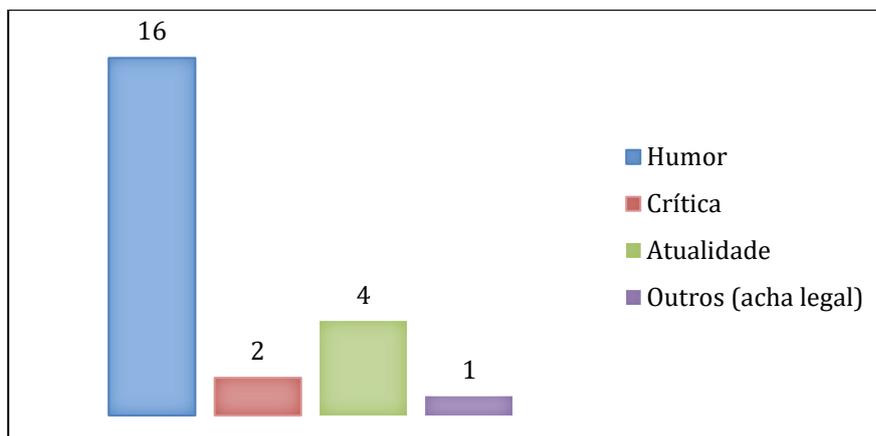
Gráfico 5: Você compartilha memes?

Fonte: Elaborado pela autora

Percebemos, pelas respostas dadas a essa questão, que os memes estão presentes nas interações dos participantes via internet, o que vai ao encontro do nosso propósito de incorporar o meme à nossa SD, como instrumento didático, para ampliar o conhecimento de nossos alunos sobre as variações lexicais.

A questão 7 deveria ser respondida apenas pelos participantes que marcaram “sim” na pergunta anterior. Dos 24 participantes que afirmaram na questão 6 curtir ou compartilhar memes, apontaram os seguintes motivos para seu compartilhamento:

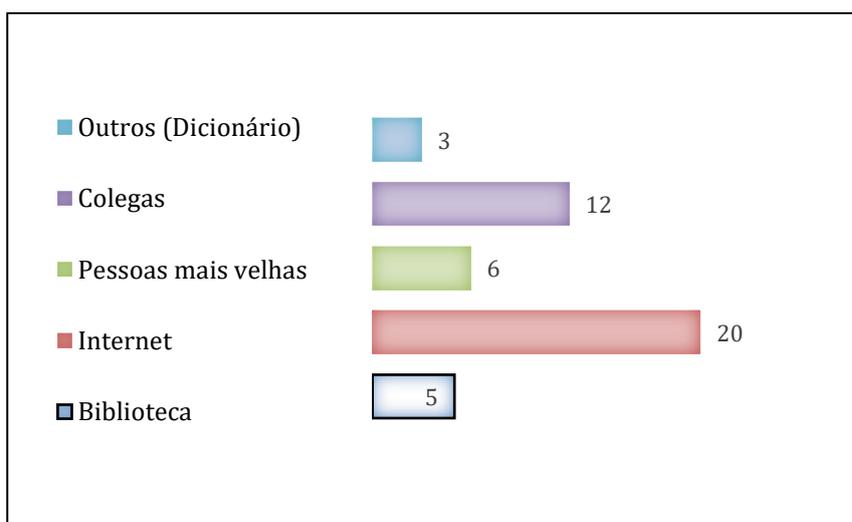
Gráfico 6: Por qual motivo você compartilha memes?



Fonte: Elaborado pela autora

Foi interessante perceber que os alunos reconhecem nos memes essas características de humor, criticidade e que eles abordam assuntos atuais pois, conforme Fontanella (2009, p.8), no ambiente virtual, os memes “são entendidos como ideias, brincadeiras, jogos, piadas, ou comportamentos que se espalham através de uma replicação de forma viral”, que são caracterizados a partir de determinados aspectos sociais, culturais, temporais, espaciais etc.

Na questão 9, perguntamos: “Quando você precisa fazer um trabalho escolar, você costuma pesquisar através de:”. Apesar de, na questão 5, anteriormente apresentada, menos de 50% dos alunos apontarem as pesquisas dentre os usos mais frequentes que fazem da internet, quando efetivamente precisam fazer pesquisas escolares, esse é o principal recurso utilizado pelos alunos. Para essa pergunta, os alunos marcaram mais de uma opção e os resultados estão resumidos no gráfico a seguir:

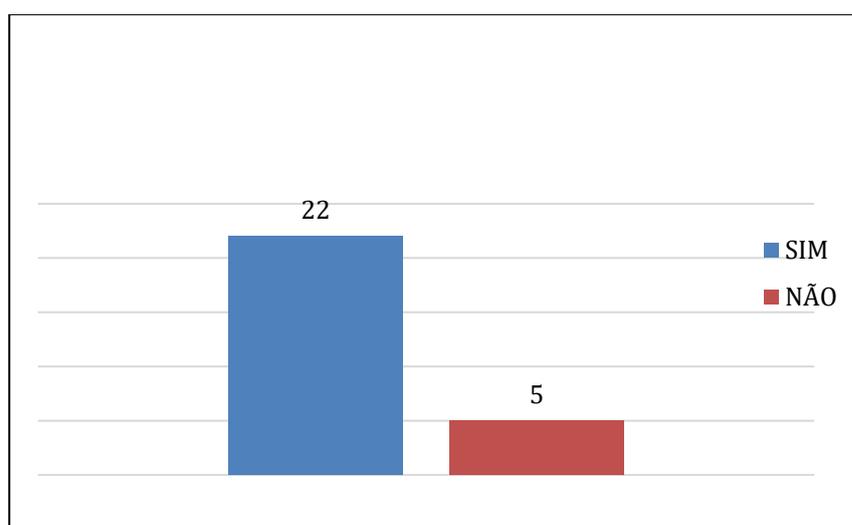
Gráfico 7: Onde você costuma pesquisar trabalhos escolares?

Fonte: Elaborado pela autora

A internet aparece como principal fonte de pesquisa para os participantes, seguida de colegas e pessoas mais velhas. A biblioteca e o dicionário aparecem por último, apesar da boa estrutura e ótimo acervo disponibilizado em nossa escola.

Não desprezamos nenhuma forma de pesquisa e entendemos que, quanto mais fontes o aluno consultar para enriquecer suas pesquisas, mais riqueza o seu trabalho apresentará em sua construção.

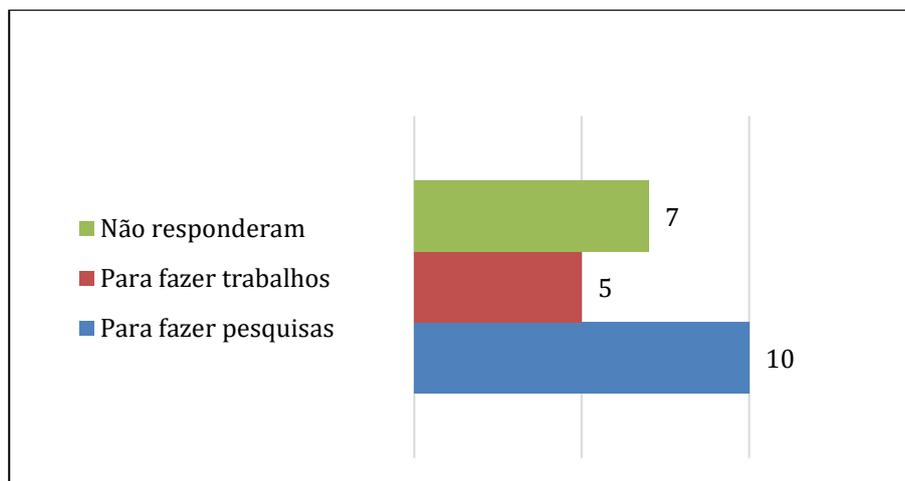
Na questão 10, perguntamos: "Você acredita que a internet pode ajudar em sala de aula como recurso para novos conhecimentos e aprendizagens?"

Gráfico 8: Uso produtivo da internet em sala de aula

Fonte: Elaborado pela autora

E na questão 11, pedimos para os participantes “Justificar a resposta anterior e dar sugestões. Dos 5 participantes que disseram que a internet não ajudaria em sala de aula, somente um justificou dizendo que “poderia tirar a concentração na aula” (P27). Dos 22 que responderam sim, tivemos as seguintes justificativas:

Gráfico 9 – Como o uso da internet pode ser produtivo em sala de aula



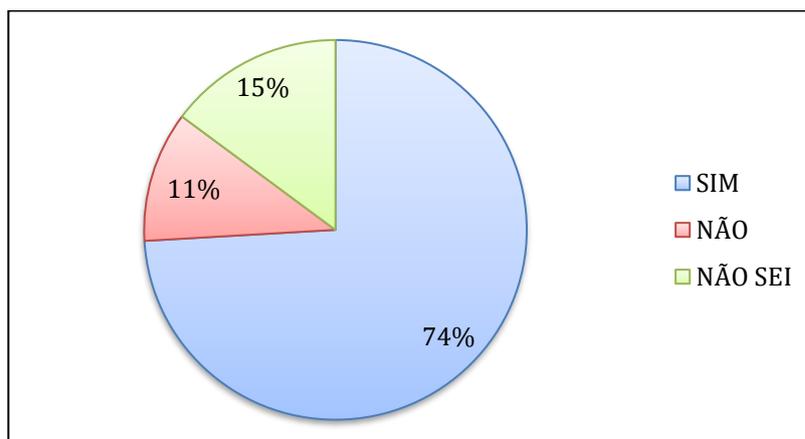
Fonte: Elaborado pela autora

Somos incentivados, em todas as formações continuadas oferecidas para os professores da rede pública de ensino, a tornar as aulas mais dinâmicas, usando de metodologias inovadoras, inclusive fazendo uso das novas tecnologias. No entanto, nos deparamos com algumas dificuldades, como a falta de estrutura das próprias escolas.

Além disso, falta aos nossos alunos o entendimento de que a internet e os *smartphones* podem ser usados de diferentes maneiras, para outras atividades de aprendizagem, além das pesquisas solicitadas pelos professores. É o que comprova o resultado da questão 11.

Apesar de 22 participantes afirmarem que a internet pode ajudar em sala de aula como recursos pedagógico, eles resumiram o uso produtivo da internet em sala de aula às pesquisas e a trabalhos, que poderiam ser feitos de forma mais rápida. Nenhum deles apresentou diferentes de sugestões de uso.

Finalmente, na questão 12, perguntamos se os participantes consideravam o meme um gênero interessante para ser trabalhado nas aulas de LP. Como resultado, constatamos que 20 alunos responderam sim, 4 responderam não sei e 3 afirmaram não achar o gênero interessante.

Gráfico 10: O meme é um gênero interessante para as aulas de LP

Fonte: Elaborado pela autora

Apresentamos, a seguir, as justificativas dos alunos, destacando que alguns participantes não justificaram suas respostas:

Quadro 1 – Respostas para a pergunta: Por que o meme é um gênero interessante para ser trabalhado nas aulas de LP?

Participantes	Respostas
P3	Sim, daria mais humor aos trabalhos.
P5	Sim, porque tem a ver com assuntos da atualidade.
P6, P27	Sim, porque é engraçado e tem tudo a ver com o português
P7	Sim, memes são muito legais para aprender.
P11, P23	Sim, os memes podem ser educativos e ajudar em sala e aula.
P14, P21, P25	Sim, porque são divertidos.
P4	Sim, porque são muito importantes.
P19, P24	Sim, porque seria muito bom.
P17	Sim, hoje em dia o meme é utilizado em várias coisas e ficaria bem legal.
P1, P9	Sim, é claro (sem justificativa)
P2, P10, P14, P26	Não sei.
P12	Não, porque ficaria muito chato.
P14	Não, porque alguns não são adequados.

Fonte: Elaborado pela autora

A partir das análises das respostas dadas pelos participantes, reconhecemos que as redes sociais e os memes se fazem presente cada vez mais no cotidiano dos nossos alunos, confirmando o que afirma Marcuschi (2004, p. 20), “É inegável que a tecnologia do computador, em especial com o surgimento da internet, criou uma imensa rede social (virtual) que liga os mais diversos indivíduos [...] numa relação síncrona. Isso dá uma nova noção de interação social”. Diante disso, ressaltamos a escolha do meme como proposta de inovação pedagógica no ensino da LP e sistematizamos nossa SD de forma a fazer uso do gênero para o reconhecimento da variação lexical e a importância da sua valorização.

Num segundo momento, apresentamos aos participantes um questionário sobre variação linguística/lexical, para analisarmos os conhecimentos prévios deles sobre o assunto. Em complemento às questões, também propomos algumas ilustrações para avaliar se eles conheciam nomes diferentes usados nas demais regiões do Brasil para um mesmo objeto.

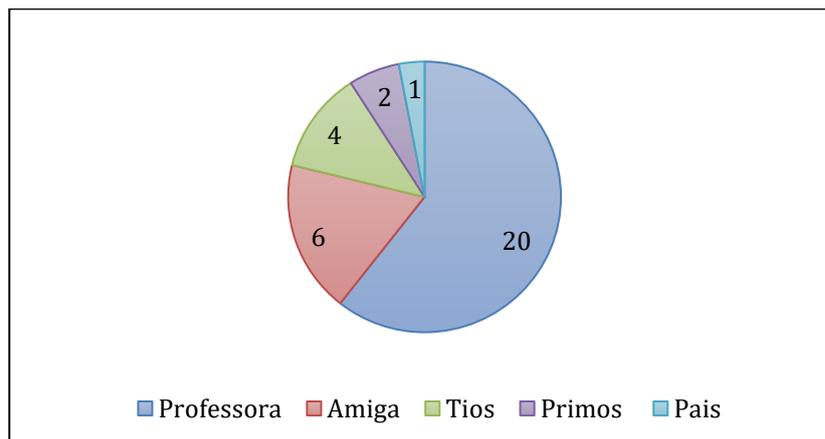
Iniciamos esse questionário perguntando: “Você sabe o que é léxico? Explique com suas palavras.” Todos os 27 participantes responderam “não sei”. A resposta já era esperada, por ser um termo desconhecido de alunos desse nível de ensino. Porém, preferi deixá-lo no questionário, mesmo prevendo as respostas, como forma de despertar a curiosidade deles sobre o conteúdo e como forma de enriquecimento vocabular.

A questão a seguir foi: “Você conhece a expressão variação linguística? Explique com suas palavras.” 26 participantes afirmaram não saber. Apenas o P7 disse em sua resposta que variação linguística “é quando a pessoa fala várias línguas.” É importante destacar que a variação linguística consta dos conteúdos do livro didático no 6º ano do ensino fundamental adotado pela escola. Como não lecionamos na turma no ano anterior, não podemos afirmar se o conteúdo foi trabalho ou não, ou se os alunos não lembram de ter estudado.

Pela resposta acima observada, que nos mostra o desconhecimento dos alunos sobre o assunto, achamos pertinente iniciar nossa SD com considerações sobre a variação linguística, pois a relevância de falarmos sobre variação no contexto escolar é defendida, dentre outros estudiosos, por Bagno (2008, p.32) quando afirma ser necessário que todas as instituições voltadas para a educação reconheçam a diversidade linguística do português brasileiro ao planejarem suas políticas de ação.

Dando seguimento aos questionamentos, também perguntamos: “Você conhece alguém que fala diferente de vocês? Quem?” Para o primeiro questionamento, os 27 participantes responderam “sim”, ou seja, todos eles conhecem alguém que, de uma forma ou de outra, falam diferente. Sobre “quem” são essas pessoas, obtivemos as seguintes respostas:

Gráfico 11: Você conhece alguém que fala diferente de você?



Fonte: Elaborado pela autora

Concluimos essa parte do questionário perguntando: “Quais diferenças você observa na forma de falar dessa(s) pessoa(s)?”. As respostas foram:

Quadro 2 – Resposta para a pergunta: Quais diferenças você observa na forma de falar dessa(s) pessoa(s)?

Participantes	Respostas
P2, P3, P9, P11, P20, P21, P22, P26	Fala chiando (com relação à professora e à amiga)
P4, P5, P18	O sotaque (com relação à professora)
P7	Ela tem sua própria forma de falar (com relação à professora)
P14	Ela usa muito o “L” (com relação à professora)
P16, P19, P27	Parece que ela não usa o “R” (com relação à professora)
P6	Elas chiam e as vezes falam com palavras diferentes. (com relação à professora e à amiga)
P17	Coloca o “X” em tudo que vai falar (com relação aos tios)
P23	Meus pais falam na forma de antigamente

Fonte: Elaborado pela autora

Pelas respostas anteriormente apresentadas, podemos notar que o alunos percebem a diferença no falar, especialmente no sotaque, quando dizem que a professora, a amiga ou tios e primos “fala chiando”, “não usa o R”, “usa muito o L”, “colocam o X em tudo que vão falar”, mas também percebem a variação lexical, quando afirma que a professora e a amiga “falam com palavras diferentes (P6) e “meus pais falam na forma de antigamente” (P23).

Dando continuidade ao questionário e para saber se eles conheciam nomes diferentes para os mesmos objetos, propomos a questão 5: “Para os objetos abaixo apresentadas, pedimos aos alunos para escreverem o nome pelo qual você os conhece e, no caso de conhecerem mais de um nome para o mesmo objeto, citá-los também”. Foram dadas as seguintes respostas:

- a)  - lapiseira (e as diferentes formas de escrita: lapisera, lapizeira, lapizera); apontador
- b)  - Poli, polis, póliz (metonímia para a marca de lapiseira Poly)
- c)  - corretivo
- d)  - pipa
- e)  - baladeira, balinheira (balinhera, baliera, bralinhera), estilingue (estilingui)
- f)  - dindim (di di, dindin, dimdim), sacolé



g) - biscoito, bolacha, bolachinha (bulachinha)



h) - tangerina (tangerina, tangerina), mexerica (michirica),
laranja cravo



i) - macaxeira (macaxera, macaxeira, macachera),
mandioca



j) - jerimum (jerimu, jirimun, jirimo, jerimum, girimum),
abóbora

Observamos que muitos participantes denominam os objetos aproximando a escrita da oralidade, retirando a consoante final das palavras como em “di di”, “jerimu” ou apresentando ou retirando a letra “i” dos ditongos, como como vemos na grafia de “lapisera”, “balinhera”, “macaxera”. Tal fato não era percebido por eles até então e a professora/pesquisadora destacou que esses fenômenos estão presentes em nossa fala cotidianamente, independente de quem seja o falante ou de sua região, porém ressaltamos aos alunos a importância de um monitoramento com relação à adequação da escrita em momentos onde o contexto exigir, como em situações de provas e exames externos, nas quais a linguagem formal é exigida.

Exemplificamos, então, alguns desses fenômenos, para maior entendimento por parte dos participantes:

- desnasalização, quando há a transformação de um som nasal em um oral, como em “home”, “jardinage”, “garage”;
- monotongação, quando suprimimos uma letra do ditongo e pode ser observada em palavras faladas no dia-a-dia, como em “fêra”, “cadêra”, “banhêro”, “pêxe”;
- ditongação, quando acrescentamos uma vogal no final da sílaba, que também faz parte do nosso falar cotidiano, como podemos observar nas palavras “arroiz”, “cuscuiz”, “voceis”, “deiz”.

Notamos também que, pela vivência com parentes ou amigos de outras regiões, ou através da televisão e internet, alguns alunos souberam dar diferentes denominações para os objetos ilustrados, demonstrando algum conhecimento das variações lexicais existentes na nossa língua

Os questionários apresentados neste módulo nos deram uma amostragem do quanto a internet está presente em seus cotidianos, confirmando a ideia de que as novas tecnologias devem ser aliadas ao ensino-aprendizagem e nos nortearam a respeito dos conhecimentos prévios dos participantes com relação à variação lexical. Diante desse contexto, pudemos pôr em prática as demais atividades planejadas na SD, adequando-as quando necessário.

4.2 Módulo II: Contextualização da Variação Linguística/Lexical

Após a aplicação dos questionários, aproveitamos a curiosidade despertada nos alunos diante da temática e os direcionamos para a telessala para assistir alguns vídeos exibidos na série de reportagens denominada “Sotaques do Brasil”, do Jornal Hoje. Os vídeos apresentam as diferentes formas de falar do brasileiro, em relação ao sotaque, mas também apresentando a variação lexical, mostrando a diversidade de nomes diferentes dados aos mesmos objetos nas diferentes regiões do nosso país. Os participantes mostraram-se bastante interessados e curiosos em conhecer mais sobre o assunto.

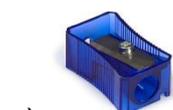
Ao retornar, organizamos a sala em círculo, para uma roda de conversas, para abordarmos de forma mais descontraída essas questões e assim apurarmos os conhecimentos prévios dos participantes sobre os conteúdos, para melhor direcionamento da SD, inclusive citando exemplos de palavras diferentes, mas com o

mesmo significado, empregadas no dia-a-dia da sala de aula pela professora/pesquisadora e pelos participantes, como por exemplo apontador (para a professora), que os alunos conhecem como lapiseira e lapiseira (para a professora), que os alunos chamam de “pólis” (metonímia da marca Poly).

Além desses exemplos, pudemos compartilhar outras experiências vivenciadas em conversas com parentes ou conhecidos que moram em lugares diferentes e situações nas quais não sabíamos ao que determinada palavra se referia. A partir daí, surgiram inúmeros exemplos (mandioquinha/batata baroa; tiara/diadema/arquinho; canjica/curau etc)

Após a roda de conversa, a professora-pesquisadora fez a contextualização da variação linguística e lexical, através de aula expositiva, mostrando a teoria do que eles já tinham observado através dos vídeos e das conversas. Como forma de enriquecer os conhecimentos apresentados nos vídeos e na exposição oral, e buscando enriquecer o vocabulário dos alunos, eles foram divididos em grupos para pesquisar, em casa ou no laboratório de informática da escola durante o contra turno, mais e diferentes nomes dados em outras regiões do Brasil, para os objetos que ilustraram o questionário sobre variação lexical.

Eles trouxeram as seguintes respostas:



a) - Lapiseira; apontador



b) - Lapiseira, grafite, lápis-grafite, Poly, pólis



c) - Corretivo, branquinho, Erroex, Liquid Paper (metonímias)



d) - pipa, papagaio, arraia, cafifa



e) - baladeira, balinheira, estilingue, bodoque, funda



f) - dindim, sacolé, geladinho, gelinho, chup-chup, juju



g) - biscoito, bolacha, bolachinha



h) - tangerina, mexerica, laranja cravo, poncan, bergamota, mimosa, mandarina



i) - macaxeira, mandioca, aipim, uaipi



j) - jerimum, abóbora, cabotiã

Após a entrega dos trabalhos, a professora/pesquisadora compartilhou com a turma o resultado das pesquisas de cada grupo, onde percebemos uma ampliação no conhecimento de outros nomes para os mesmos objetos, trazendo um enriquecimento do vocabulário deles. O compartilhamento deu-se através de slides e,

complementando, foram acrescentados outros objetos que também tem diferentes denominações em outras regiões brasileiras, como por exemplo:



- a) - pão francês, pão carioquinha, pão de sal, pão jacó, pão careca, pãozinho, cacetinho,



- b) - confeito, bala, bombom



- c) - bola de gude, bila, biloca, fubeca



- d) - semáforo, farol, sinal, sinaleira, sinaleiro



- e) - quebra-molas, lombada, tartaruga

Diante do resultado dessa atividade de pesquisa da variação lexical, foi possível observar um interesse maior por parte dos participantes em conhecer novas palavras e as regiões do país onde são usadas.

Também como forma de trabalhar o conteúdo de forma interativa e dinâmica e aproveitando a curiosidade despertada na atividade anterior, a professora expôs um *quiz online* sobre variação lexical, para os alunos testarem seus novos conhecimentos. Essa dinâmica ocorreu em sala de aula, através do uso do *Datashow* interativo, também conhecido como amarelinho, conectado à internet.

Figura 3: Quiz online sobre variação lexical



← → ↻ buzzfeed.com/br/clarissapassos/afinal-como-voce-chama-cada-uma-destas-coisas

☰ **BuzzFeed** News Testes Shopping Os Melhores da Década ☐ Tasty Dema

 **ENQUETE**

Afinal, como você chama cada uma destas coisas?

Quatro itens, UM MILHÃO DE NOMES DIFERENTES.

publicado 8 de Setembro de 2016, 12:35 p.m.

 **Clarissa Passos**
Equipe BuzzFeed, Brasil

[Be one of the first to comment ↓](#)     

Esta imagem circulou horrores nas redes sociais nos últimos dias – e as respostas revelaram toda a variedade de palavras do Brasil a partir de apenas

variedade de palavras do Brasil a partir de apenas quatro itens.

 **Layssa Soares**
há cerca de 3 anos

2. (quote) como você chama cada uma dessas coisas?

 Translate from Portuguese

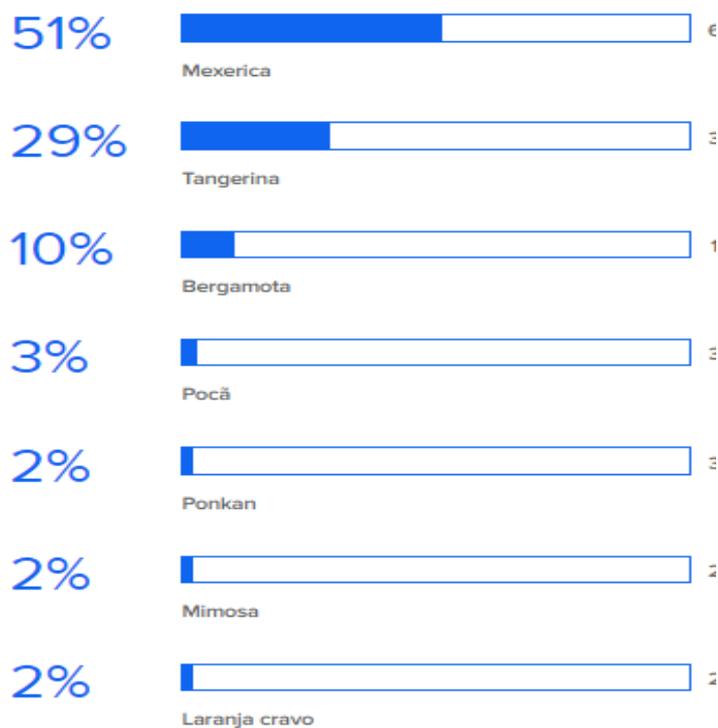
 

9/3/16, 3:10 PM

E esta frutinha é uma...



E esta frutinha é uma...



Fonte: <https://www.buzzfeed.com/br/clarissapassos/afinal-como-voce-chama-cada-uma-destas-coisas>

As atividades desenvolvidas neste módulo buscaram trazer o reconhecimento da variação lexical do português brasileiro, aliando a isso o uso da internet para pesquisas e ampliação dos conhecimentos, de forma dinâmica e

interativa, incentivando os participantes a usarem as novas tecnologias também como instrumento pedagógico.

4.3 Módulo III: Apresentando o meme como gênero textual

Os participantes foram levados ao laboratório de informática, para pesquisar alguns memes. Também apresentamos sites nos quais memes podem ser criados pelos próprios alunos, como por exemplo “Gerar Meme”, “Criar meme”, etc, a partir de uma imagem salva por eles ou escolhida na internet.

Esta atividade serviu para ilustrar como o meme é criado e para explicar suas partes constitutivas (imagem, frase ou bordão, conteúdo, propósito comunicativo), levando os alunos a criarem seus próprios memes.

Figura 4: Meme produzido pelos participantes



Fonte: criado pelos participantes no site <https://www.gerarmemes.com.br>

Ainda no laboratório de informática, fizemos uma revisão sobre gêneros textuais e a contextualização do meme como gênero textual, explicando sua estrutura, sua composição, sua função comunicativa, usando como exemplos os próprios memes que eles pesquisaram.

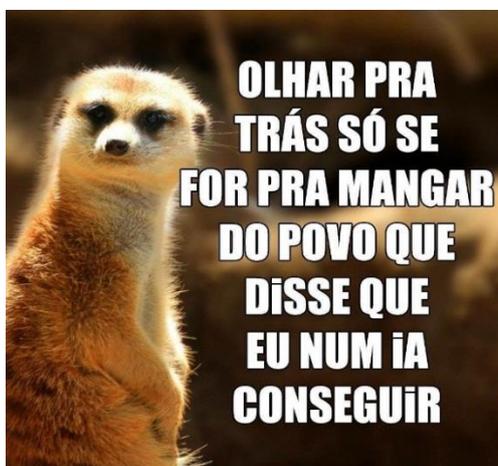
Explicamos que o termo meme vem do grego *mimeme* e significa imitação, sendo um recurso comunicativo que se populariza rapidamente, ou seja, viraliza, no mundo virtual e que pode ser usado com diferentes propósitos, como humor, crítica, indignação. Destacamos também para os participantes que as escolhas lexicais usadas nos memes, que geralmente apresentam textos curtos, impactantes, frases de efeito, contribuem para construir o propósito comunicativo esperado.

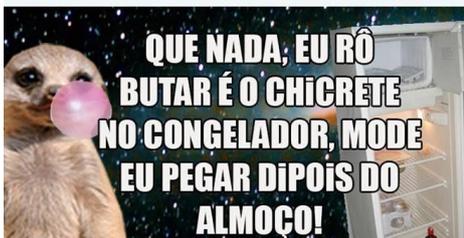
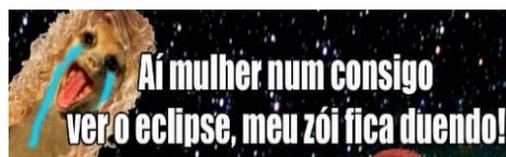
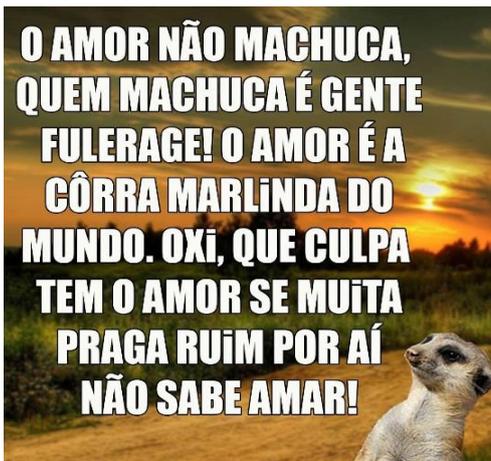
Posteriormente, foram direcionados a pesquisar memes que apresentem variação lexical, como por exemplo os memes humorísticos do personagem regional “Suricate Seboso” que, segundo seu perfil do *Facebook*, foi criado em 2012 e representa a cultura nordestina nas mídias digitais trazendo contos, linguajares, tradições, lendas e situações do cotidiano.

Destacamos para os participantes a importância que a escolha lexical tem para gerar os efeitos de humor desejados nas interações comunicativas destes memes. Também enfatizamos para os alunos que, em determinadas interações, a escolha lexical pode contribuir para a constituição de imagens preconceituosas, uma vez que, ainda é bastante persistente o conceito de erro e acerto na língua ou de linguagem mais prestigiada e menos prestigiada.

Figura 5: Memes pesquisados pelos participantes









Fonte: <https://www.facebook.com/suricateseboso/> @suricateseboso.

A partir da seleção desses memes, os alunos fizeram atividades de análise e reconhecimento das variações lexicais encontradas nas diversas interações presentes nos memes. Foi proposta uma atividade de reescrita dos diálogos encontrados em quatro (04) memes do personagem Suricate Seboso, usando variações lexicais. Os alunos fizeram a reescrita livremente, sem a intervenção da professora/pesquisadora.

Selecionamos, como amostragem dessa atividade as respostas de dois participantes (P6 e P15).

Figura 6: Atividade de reescrita com memes



© BOM DA VIDA É ENCHER
A BARRIGA E DEPOIS DEITAR
EM UM CHÃO BEM GELADINHO



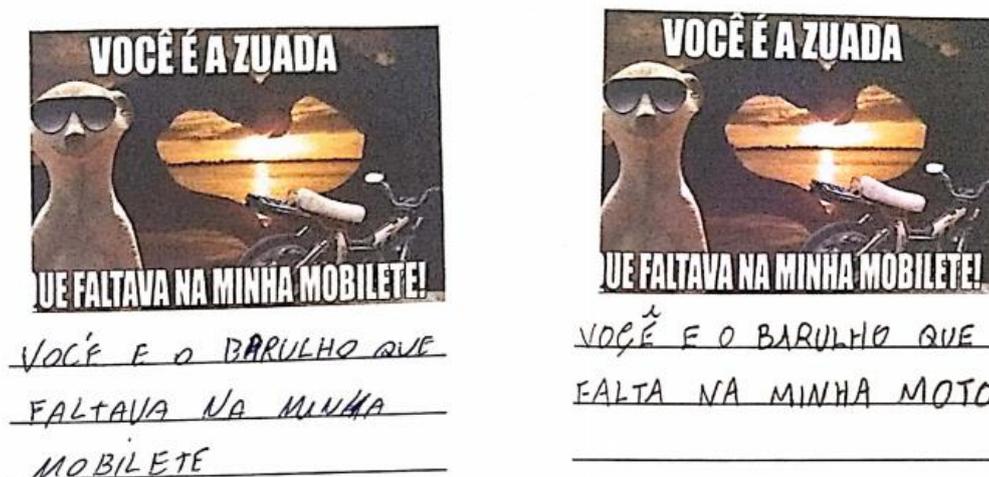
© BOM DA VIDA É ENCHER A
BARRIGA E DEPOIS DEITAR NO
CHÃO BEM GELADO

Fonte: Acervo da autora

Relembramos aos participantes que nesse tipo de meme é usada uma linguagem coloquial, aquela que falamos no nosso cotidiano, em situações mais informais e que as escolhas lexicais do autor dos memes tem buscamos gerar humor a partir do contexto criado pelas imagens.

Diante do exposto, percebemos que, no meme da figura 6, ambos participantes trocaram a palavra buxo pelo sinônimo barriga. Também fizeram a correção do verbo encher, grafado com “x” no meme. Com relação ao termo coloquial “num”, o P6 preferiu escrever “em um”, enquanto o P15 optou por “no”. Também optaram por diferenciar o final do texto. O P15 usou a palavra gelado e o P6 escolheu a forma diminutiva, usando o sufixo “inho” ao invés da forma coloquial e típica da fala nordestina que aparece no meme “geladim”.

Figura 7: Atividade de reescrita com memes B



Fonte: Acervo da autora

Com relação ao meme da figura 7, ambos substituíram a palavra zuada pelo sinônimo barulho. Houve diferença também no tempo verbal usado pelo P15, que escreveu “falta” e trocou a palavra mobilete, por moto.

Figura 8: Atividade de reescrita com memes C



HOJE EU ESTOU MEM
SENTINDO MUITO
CANSADO



HOJE EU ESTOU MUITO...
MUITO CANSADO

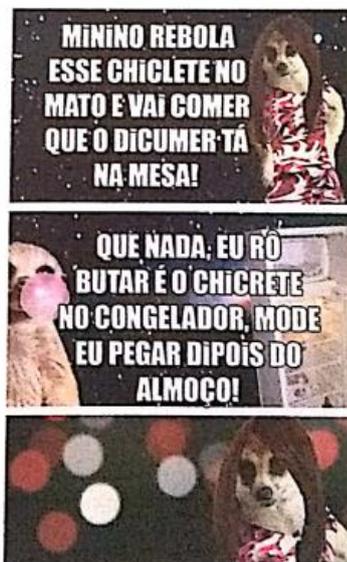
Fonte: Acervo da autora

No meme da figura 8, os participantes trocaram a gíria “só o bagaço” pela expressão “muito cansado”. O P15 reforçou ainda mais a ideia, repetindo a palavra “muito”.

Figura 9: Atividade de reescrita com memes D



MENINO JOGA ESSE CHICLETE
NA MATA E VAI COMER
PORQUE A COMIDA ESTÁ
NA MESA, QUE NADA EU VOU
BOTAR O CHICLETE NO CONGELADOR
PARA EU PEGAR DEPOIS



MENINO JOGA ESSE CHICLETE
NO MATO E VAI QUE O COMER
TA NA MESA, QUE NADA EU
VOU BOTAR NO CONGELADOR
PARA EU PEGAR DEPOIS DO
ALMOÇO!

Fonte: Acervo da autora

No meme da figura 9, no primeiro trecho do texto, a fala da mãe, observamos que ambos participantes corrigiram a palavra “menino”, trocaram “rebola” por “joga”, porém fizeram algumas escolhas lexicais diferentes para o restante do texto. Percebemos que o P6 optou por deixar seu texto mais formal por trocar “mato” por “mata”, “dicumê” por “a comida”, “tá” por “está”, entre outras. Tais mudanças não ocorreram no texto do P15. Com relação à segunda parte do texto, a fala do filho, ambos escreveram bem parecido, trocando “eu rô” por “eu tô”, “butar” por “botar”, “chicrete”, por chiclete, “mode” por “para” e “dispois” por “depois”.

A atividade de reescrita foi muito produtiva e os alunos perceberam que a forma de se comunicar do personagem não deve ser considerada errada ou inadequada, uma vez que as interações comunicativas dos memes eram informais e com falares regionais, sendo assim adequada para esse contexto de uso. Também reconheceram que as escolhas lexicais desses memes e todo o seu contexto tinham como propósito a construção de humor.

4.4 - Módulo IV: Tirando os dicionários das prateleiras da biblioteca

Nesse módulo, a turma foi levada à biblioteca da escola para uma aula sobre dicionários escolares e sua estrutura. A atividade foi desenvolvida juntamente com a bibliotecária da escola, que organizou o espaço e selecionou os dicionários para que os participantes pudessem manuseá-los e assim, conhecerem mais detalhadamente seus elementos constitutivos.

Além de apresentar sua estrutura, também explicamos que existe uma classificação dos dicionários escolares de acordo com os diferentes níveis de ensino, cabendo ao professor incentivar o uso dos dicionários respeitando as diversas fases de aprendizagem dos alunos.

Enfatizamos que o dicionário não precisa ser usado apenas para a consulta da ortografia ou do significado das palavras. Seu uso vai muito além disso e pode contribuir nas aulas de LP, através de atividades propostas a partir do seu uso efetivo, considerando as relações linguísticas, semânticas e discursivas, levando nossos alunos a explorar cada vez mais esse importante instrumento pedagógico.

Complementando, destacamos para os participantes a importância do dicionário como recurso didático para ampliar sua competência lexical e,

conseqüentemente, melhorar suas interações comunicativas, orais e escritas, ampliando sua aprendizagem sobre a língua e a linguagem.

Desta forma, buscamos praticar o que é defendido por Krieger (2012, p.10), “ajudar a tirar o dicionário da prateleira e, sobretudo, a usá-lo de forma mais produtiva nos projetos de ensino/aprendizagem”, em atividades de reescrita de texto usando sinônimos para evitar repetições de palavras, reconhecimento de sentido conotativo em textos, identificação de ambigüidades e muitas outras atividades na quais o dicionário pode contribuir para que os alunos ampliem seu conhecimento sobre linguagem.

Figura 10: Biblioteca Escolar



Fonte: Acervo da autora

Figura 11: Apresentação dos dicionários escolares disponíveis na biblioteca



Fonte: Acervo da autora

Figura 12: Atividade com os dicionários escolares



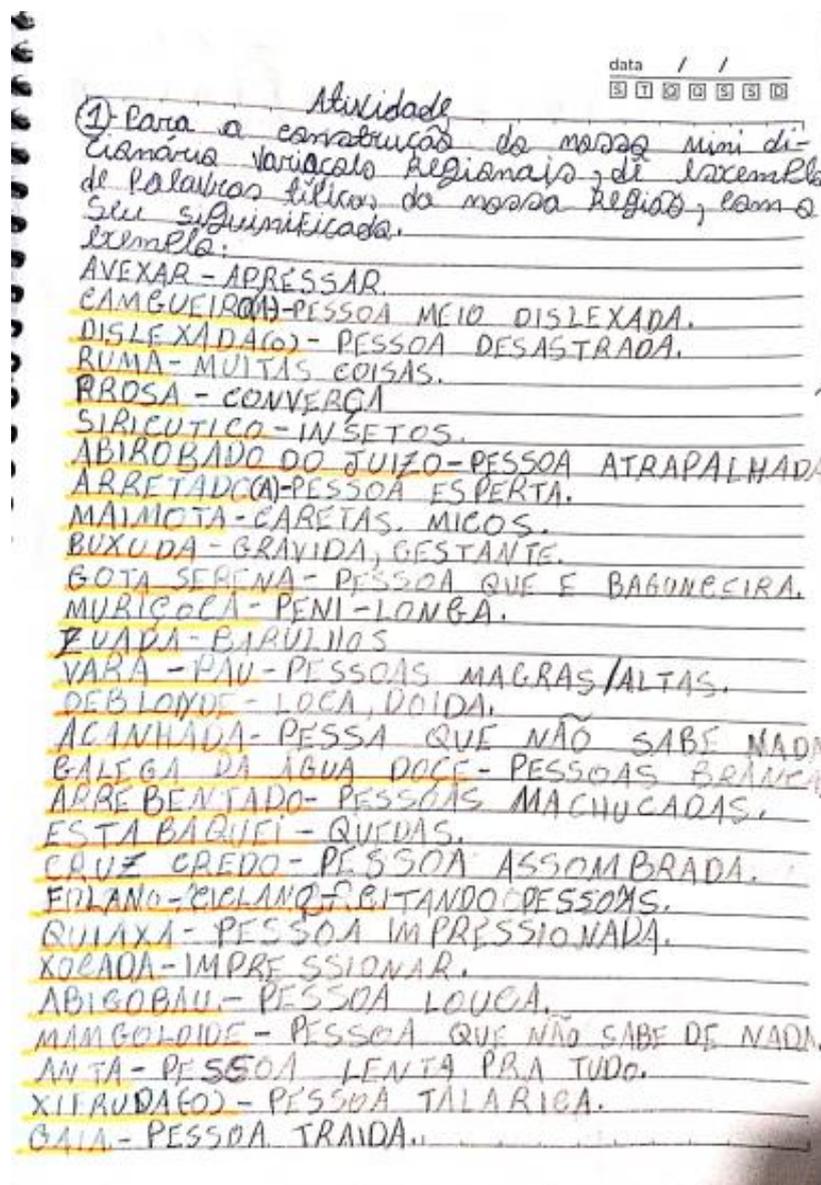
Fonte: Acervo da autora

Ao voltar para a sala de aula, propusemos para a turma a elaboração de um minidicionário de variações lexicais. A sua produção buscou aliar os aprendizados sobre o léxico e suas variações, sobre os memes pesquisados e sobre o dicionário, unindo os conhecimentos adquiridos numa produção final significativa para os participantes e para a comunidade escolar, constituindo-se, assim, no principal produto dessa investigação.

Inicialmente, pedimos que os participantes, em seus próprios cadernos, anotassem as variações usadas na nossa região, percebidas nas interações cotidianas com familiares e amigos. Também foram usadas variações encontradas nos memes pesquisados.

Como a atividade foi espontânea e a partir das palavras que eles foram lembrando, não houve, a princípio, a preocupação em colocá-las em ordem alfabética. Os alunos, neste momento, também não se preocuparam com a classificação gramatical.

Figura 13: Atividade inicial para elaboração do minidicionário



Fonte: Acervo da autora

Em seguida, os participantes compartilharam com os demais colegas as palavras anotadas, de forma a verificar se havia palavras ou expressões repetidas ou diferentes das já pesquisadas. De comum acordo, foi decidido quais palavras e expressões representavam adequadamente as variações da nossa região e que deveriam fazer parte do minidicionário.

A partir dessa atividade e do consenso dos participantes, seguimos para a fase de organização do minidicionário, incluindo as demais partes constituintes dos verbetes, criação da capa, folha de apresentação, instruções de uso e lista de abreviaturas.

4.5 Módulo V: Elaboração do minidicionário

Após a atividade no caderno, passamos à escolha e organização dos verbetes, respeitando a ordem alfabética das palavras-chave e incluindo a sua classificação gramatical, o que nos oportunizou um momento de revisão.

Os alunos souberam diferenciar os substantivos dos adjetivos, não tiveram dificuldade em identificar os verbos, porém com relação aos adjetivos e interjeições, eles precisaram da ajuda da professora/pesquisadora.

No que diz respeito às definições das palavras-chave, no minidicionário apareceu de duas formas: sintética, na qual a definição foi por meio de sinônimos; ou analítica, através de perífrase.

Para essa parte da elaboração, dividimos os alunos em grupos, que ficaram responsáveis pela organização de cada parte constituinte, contando sempre com a supervisão da professora/pesquisadora.

Quadro 3: Atividade de Organização dos verbetes para o minidicionário

A

Palavra-chave	Classe	Definição
Abestalhado	adjetivo	bobo
Abilolado	adjetivo	com o miolo mole; sem juízo
Aboticado	adjetivo	arregalado
Abusado	adjetivo	chato
Acabrunhado	adjetivo	acanhado
Acoitar	verbo	acobertar
Acolá	advérbio	ali
Acudir	verbo	socorrer
Alpercata	substantivo	sandália de dedo

Fonte: Acervo da autora

Essa atividade foi inicialmente desenvolvida em sala de aula, mas os participantes concluíram as pesquisas no laboratório de informática da escola, durante o contra turno da aula, e em casa.

Após a fase de pesquisa, os participantes, com a ajuda da professora/pesquisadora, fizeram a seleção e revisão das palavras-chave. Posteriormente, contamos com a colaboração do digitador da escola que fez a diagramação do minidicionário físico para impressão e encadernação.

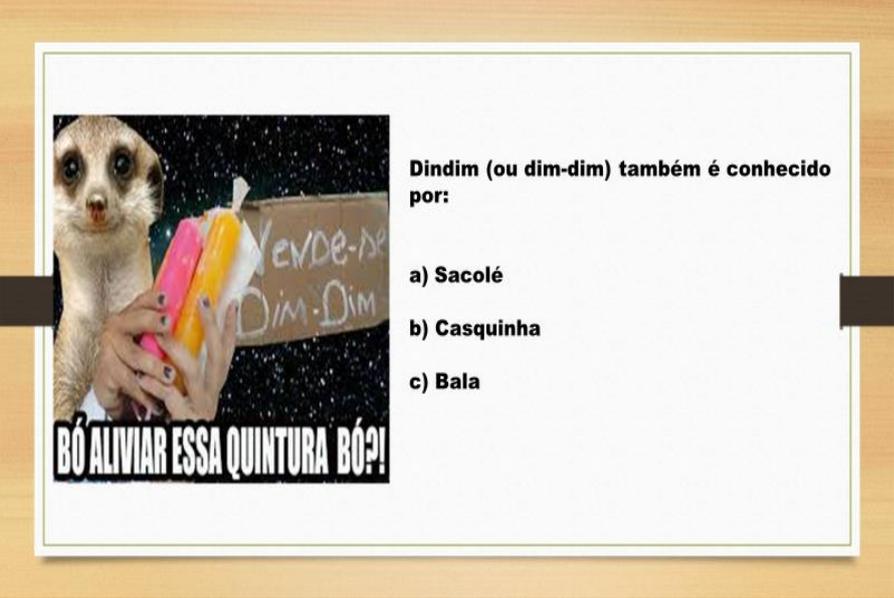
Destacamos o empenho e a colaboração dos participantes, que precisaram tomar decisões em conjunto durante todo o processo de elaboração para um bom encaminhamento da nossa produção final, visto que essa atividade teve como propósito um enriquecimento e um aprofundamento no conhecimento das variações lexicais e do dicionário e suas partes constitutivas.

4.6 Módulo VI: Culminância da proposta interventiva

Para a culminância do projeto, foram organizados dois momentos. No primeiro momento os alunos, divididos em grupos, apresentaram suas pesquisas referentes à variação lexical encontrada nos memes para as turmas de 6º e 8º anos, que também estudam no turno matutino.

Para que a apresentação fosse mais interativa, contando com a participação dos alunos dessas turmas, os participantes e a professora/pesquisadora elaboraram um *quiz*, que foi apresentado no *datashow*, com algumas palavras encontradas nos memes pesquisados e questões de múltipla escolha.

Figura 14: Quiz sobre variação lexical



The image shows a quiz slide with a meme on the left and a multiple-choice question on the right. The meme features a dog holding a sign that says 'EVDE-DE DIM-DIM' and a caption at the bottom that reads 'BÓ ALIVIAVAR ESSA QUINTURA BÓ?!'. The dog is holding several pieces of colorful candy.

Dindim (ou dim-dim) também é conhecido por:

- a) Sacolé
- b) Casquinha
- c) Bala



Fonte: Acervo da autora

A atividade buscou incentivar a interação e a curiosidade dos alunos das outras turmas para a pesquisa feita pelos participantes do 7º ano e observamos um engajamento efetivo, que levou os alunos a explicar com autonomia os conhecimentos adquiridos, atuando como protagonistas no processo de ensino-aprendizagem.

Ao final do *Quiz*, os alunos foram convidados a conhecer o minidicionário, na biblioteca da escola, após a sua doação.

Figura 15: Convite para conhecer o minidicionário na biblioteca escolar



Fonte: Acervo da autora

O segundo momento foi organizado na biblioteca da escola, onde finalmente foi apresentado o minidicionário elaborado pelos participantes, que foi doado para a biblioteca escolar, na pessoa da bibliotecária, que nos prestou sua importante colaboração durante vários momentos da nossa SD, na preparação do espaço da biblioteca escolar e na seleção dos dicionários usados nas atividades.

A apresentação das pesquisas feitas pelos alunos, que culminaram na produção do minidicionário foi usada como diagnóstico final da intervenção pedagógica para avaliarmos os resultados de aprendizagem da SD.

Nesta perspectiva, pudemos constatar que os objetivos indicados na proposta interventiva foram alcançados satisfatoriamente, uma vez que os participantes demonstraram, no desenvolvimento das atividades propostas, nas discussões em sala, na apresentação do *quiz* e na elaboração do minidicionário, a capacitação dos conhecimentos adquiridos com relação à variação lexical, ao gênero textual meme e ao dicionário, de forma participativa, motivada e colaborativa.

Figura 16: Entrega do minidicionário



Fonte: Acervo da autora

Figura 17: Participantes

Fonte: Acervo da autora

Figura 18: Bibliotecária e professora/pesquisadora

Fonte: Acervo da autora

Na ocasião da culminância, e em todos os momentos da intervenção pedagógica, destacamos o envolvimento e a interação dos alunos, que se mantiveram motivados, atuando como protagonistas e contribuindo efetivamente para o desenvolvimento das atividades propostas.

Concluimos, portanto, que as ações propostas na SD foram relevantes para o processo de ensino-aprendizagem dos participantes e que a metodologia adotada os levou a reconhecer a diversidade lexical e valorizar a heterogeneidade da LP como reflexo de uma língua social, heterogênea e sujeita a variações e mudanças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou aliar o ensino da língua materna ao uso das novas tecnologias e objetivou investigar a variação lexical nas diferentes interações sociais encontradas no gênero textual meme como estratégia pedagógica inovadora para o ensino da LP. Para tanto, buscamos analisar como a variação lexical corrobora para a constituição do gênero meme; verificar como a variação lexical contribui para o humor nos memes e identificar como a variação lexical pode contribuir para a criação de imagens preconceituosas.

Como forma de enriquecer esses novos conhecimentos e buscando tornar ainda mais produtiva e significativa a nossa SD, ressaltando a importância do dicionário como recurso pedagógico, propusemos a produção de um minidicionário de variações lexicais, que foi produzido pelos participantes, com a supervisão da professora/pesquisadora e doado para o acervo da biblioteca escolar a partir das análises dos memes pesquisados, constituindo-se como o principal produto da investigação.

Nesta perspectiva, os participantes foram levados a pesquisar, analisar e reescrever diálogos encontrados em memes que apresentassem palavras e expressões com variações lexicais, como o perfil humorístico do personagem Suricate Seboso, nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. A partir do reconhecimento dessas variações, pudemos analisar como as escolhas lexicais contribuem para o humor no meme e como tais escolhas podem contribuir para a criação de imagens preconceituosas.

Desta forma, pretendemos levar os participante à uma reflexão sobre a língua e suas variações, levando-os a identificar os diferentes modos de falar que fazem parte da identidade social e cultural de cada comunidade em diferentes contextos, buscando desmistificar os conceitos de acerto e erro, ainda bastante persistente no ensino de língua e valorizando as diversidades lexicais presentes no português brasileiro.

Enfatizamos a relevância deste estudo como contribuição para um ensino onde a valorização da nossa variação linguística esteja presente na sala de aula e no cotidiano dos nossos alunos, uma vez que vivemos em um país de heterogeneidade linguística, onde não é incomum nos depararmos com o preconceito linguístico.

Além disso, procuramos também desenvolver a criticidade dos alunos e o fortalecimento da cidadania, ao abordarmos as variações encontradas na nossa língua materna, buscando proporcionar um ensino interativo, dinâmico e baseado nas noções sociolinguísticas da língua, respeitando as diversidades e valorizando-as.

Com a proposta de intervenção pedagógica planejada e realizada no terceiro bimestre/2019, buscamos propiciar aos participantes um processo de ensino/aprendizagem interativo, utilizando as redes sociais presentes em seu cotidiano como recurso pedagógico e mostrando, através do gênero meme, uma análise da variação lexical, de forma a valorizar a diversidade da nossa língua e minimizar situações de preconceito linguístico e acreditamos que o resultado foi positivo, visto que observamos o interesse, a participação e o envolvimento dos participantes em todas as atividades propostas.

Baseados nas diversas atividades desenvolvidas e nas discussões geradas a partir delas, buscamos conscientizar os participantes que não existe uma linguagem mais correta e que suas diversidades linguísticas devem ser valorizadas. Também ressaltamos a importância de combater o preconceito linguístico.

Os participantes atuaram como protagonistas, nos diversos momentos da SD, levando-nos a perceber como a sala de aula carece de atividades pedagógicas inovadoras, que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem e que tornem o entendimento sobre a nossa heterogeneidade linguística significativo. Trazer esse reconhecimento da variação linguística, valorizando-a, faz parte da nossa motivação enquanto professor preocupado com o desenvolvimento da criticidade dos participantes.

Percebemos, a partir da análise das atividades propostas na SD, que a motivação e o interesse em aprender mais por parte dos participantes dependem de ações pedagógicas planejadas e bem executadas, levando-os a estabelecer aprendizados significativos e despertando o prazer nas pesquisas e estudos.

Destacamos também um aumento na autonomia dos participantes percebida ao longo do desenvolvimento da proposta interventiva, pois, além dos conhecimentos sobre variação lexical e sobre o gênero textual meme, eles aprenderam a manusear corretamente o dicionário e conheceram suas partes constitutivas, participaram de atividades orais, realizaram pesquisas *online* e na biblioteca escolar, ou seja, participaram de forma ativa e motivada nos diversos momentos propostos na SD.

Desta forma, consideramos os resultados deste trabalho satisfatórios, visto que a metodologia adotada se mostrou eficiente e produtiva para alcançar os objetivos propostos, através de estratégias que favoreceram um ensino-aprendizagem significativo.

Em consonância a disto, sublinhamos que nossas expectativas foram ao encontro ao propósito do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), que busca formar professores de LP voltados para a inovação na sala de aula, ao mesmo tempo que, de forma crítica e responsável, possam refletir acerca de questões relevantes sobre diferentes usos da linguagem presentes contemporaneamente na sociedade.

Dentre os objetivos deste Programa de Pós-Graduação que nortearam nossa pesquisa, destacamos, entre outros, que devemos permitir ao aluno o acesso ao multiletramento exigido no mundo globalizado com a presença da internet; qualificar os mestrandos/docentes para desenvolver múltiplas competências comunicativas dos alunos em ambiente *online* e *offline* e também instrumentalizar os docentes de EF com objetivo de elaborar material didático inovador que lance mão, quando conveniente e relevante, de recursos tecnológicos modernos à disposição.

Com relação às experiências e aprendizados vivenciados no PROFLETRAS, ressaltamos a grande relevância da aplicação de tais conhecimentos e instrumentos pedagógicos em sala de aula, contribuindo, desta forma, não apenas para nossa formação acadêmica e profissional, mas também para a comunidade escolar como um todo, uma vez que essas experiências serão compartilhadas e multiplicadas.

Sabemos que o professor deve aperfeiçoar e ampliar seus estudos, leituras e pesquisas, de forma continuada, através de formações de qualidade, vivenciando novas metodologias para que sua prática docente esteja em consonância com as exigências de uma pedagogia inovadora e dinâmica.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Variação fonético-lexical em atlas linguísticos do nordeste. **Revista do GELNE**, v. 1, n. 2, 1999, p. 14-20.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 50. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2016.
- BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola: 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 18 março 2018.
- CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.
- CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: CSIC, 1950.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: EDUSP, 1979.
- DIONISIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramentos. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. pág. 119-132
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 81-108.
- FONTANELLA, Fernando. O que é um meme na internet? Proposta para uma problemática na memesfera. In: III Simpósio Nacional da ABCiber, 2009, São Paulo. **Anais**. São Paulo: ESPM, 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/48077247/O-que-e-um-meme-na-Internet-ABCiber-2009>. Acesso em: 27 julho 2018.
- GUERRA, Christiane; BOTTA, Mariana Giacomini. O meme como gênero discursivo nativo do meio digital: principais características e análise preliminar. **Domínios de Lingu@gem**, v. 12, n. 3, 2018. p. 1859-1877.

ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

KRIEGER, Maria da Graça. **Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012.

KRIEGER, Maria da Graça; MÜLLER, Alexandra Feldekircher. Lexicografia pedagógica: uma proposição prática exemplificada. **Domínios da Lingu@agem**, v. 12, n. 4, 2019, p.1950-1972.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade: *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In* MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. (p. 13-67)

MARTELOTTA, Mário Eduardo; *et al.* (Orgs.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

MATTAR, João. **Metodologia científica na era da informática**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

MORAES, Francine; MENDES, Gustavo; LUCARELLI, Talita. **Memes na internet: a web 2.0 como espaço fechado para propagação**. *In*: Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, 2011.

MOURA, Eduardo; ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar: o que é como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PONTES, Antonio Luciano; SANTIAGO, Márcio Sales. Crenças de professores sobre o papel do dicionário no ensino de língua portuguesa. *In*: COSTA DOS SANTOS, F.J. (org.). **Letras plurais: crenças e metodologias do ensino de línguas**. Rio de Janeiro: CBJE, 2009. P. 105-123.

RECUERO, Raquel. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. *In*: **Revista da Famecos**. Porto Alegre: PUCRS, 2007, v. 14, nº 32, 2018.

ROJO, Roxane; MOURA Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

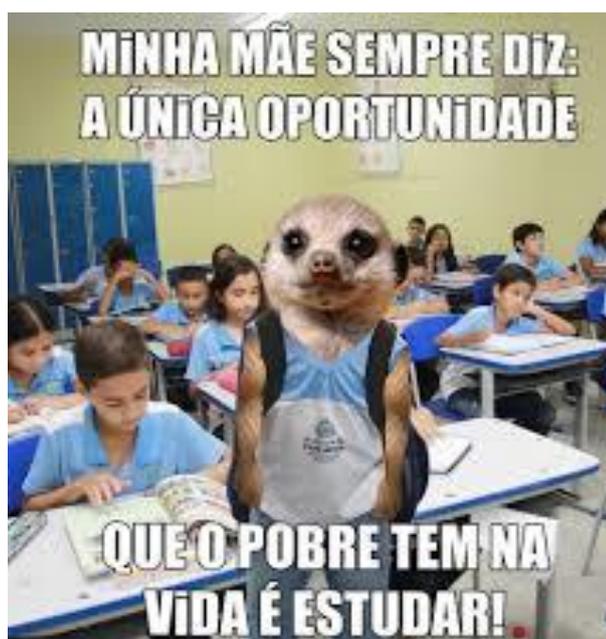
SANTIAGO, Márcio Sales. Análises constrativas de microestruturas em dicionários escolares. **Pesquisas em discurso pedagógico**. n.1, p. 1-14, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

APÊNDICE A – MINIDICIONÁRIO DE VARIAÇÕES REGIONAIS

MINIDICIONÁRIO
DE
VARIAÇÕES REGIONAIS



PARELHAS-RN

2019

APRESENTAÇÃO

O **MINIDICIONÁRIO DE VARIAÇÕES REGIONAIS** é um repertório de 270 palavras e expressões regionais utilizadas no Nordeste do Brasil.

O minidicionário foi elaborado no âmbito da pesquisa de mestrado intitulada “A abordagem da variação lexical nas aulas de português: uma proposta de ensino a partir do gênero textual meme”, constituindo-se como o principal produto da investigação.

As palavras e as expressões que deram origem a este repertório foram pesquisadas pelos alunos a partir de 20 memes do personagem “Suricate Seboso” nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. A pesquisa das variações encontradas nos memes foi, sem dúvida, a grande motivação para a produção deste minidicionário.

A coleta dos memes e a seleção das palavras e das expressões foi realizada pelos alunos da turma do 7º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Dr. Mauro Medeiros, localizada no município de Parelhas, estado do Rio Grande do Norte. Os estudantes pesquisaram palavras e expressões presentes em seus cotidianos, bem como no dia-a-dia de familiares e de amigos.

Esta atividade teve como objetivos:

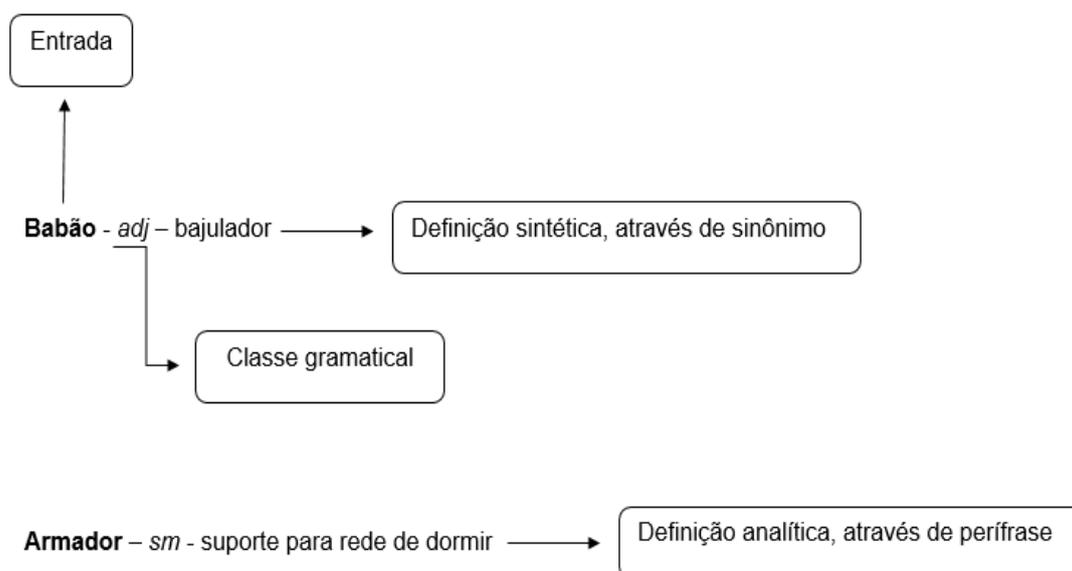
- valorizar as diversidades lexicais presentes no português brasileiro como reflexo de uma língua social, heterogênea e sujeita a mudanças;
- desmistificar os conceitos de acerto e erro, ainda bastante persistentes no ensino de língua.

Baseado nesses objetivos, a produção deste minidicionário buscou criar condições para que os alunos pudessem entender a pluralidade sociocultural do português do Brasil, em consonância com o que está previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, dentre as competências específicas da disciplina de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, destaca “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2017, p. 87).

INSTRUÇÕES DE USO

Os verbetes deste minidicionário estão organizados da seguinte forma:

- **Entrada** – em negrito
- *Classe gramatical* – abreviada, em itálico
- Definição – pode ser de dois tipos: sintética, por meio de sinônimos; ou analítica, através de perífrase.



LISTA DE ABREVIações

adj = adjetivo

adv = advérbio

int = interjeição

sf = substantivo feminino

sm = substantivo masculino

v = verbo

A

- Abestalhado** - *adj* - bobo
- Abilolado** - *adj* - sem juízo
- Aboticado** - *adj* - arregalado
- Abusado** - *adj* - chato
- Acabrunhado** - *adj* - chateado
- Acoitar** - *v* - acobertar
- Acolá** - *adv* - ali
- Acudir** - *v* - socorrer
- Alpercata** - *sf* - sandália de dedo
- Amarrado** - *adj* - pão-duro; mesquinho
- Amofinado** - *adj* - triste
- Amojado** - *adj* - sortudo
- Amostrado** - *adj* - exibido
- Amuado** - *adj* - zangado
- Apartar** - *v* - separar
- Aperrear** - *v* - pertubar
- Aprumado** - *adj* - arrumado; bem de vida
- Arenga** - *sf* - briga
- Armador** - *sm* - suporte para rede de dormir
- Arra** - *int* - ai
- Argueiro** - *sm* - cisco no olho
- Ariado** - *adj* - desnorteado
- Arremedar** - *v* - imitar
- Arriado** - *adj* - caído; cansado
- Arrochado** - *adj* - aquele que tem coragem
- Arrudiar** - *v* - dar a volta
- Avexado** - *adj* - apressado; com pressa
- Avia** - *int* - depressa!; ande logo!

B

Babão - *adj* - bajulador

Baladeira - *sf* - estilingue; atiradeira

Balinheira - *sf* - ver baladeira

Banda - *sf* - Peça de alguma coisa

Baqueado - *adj* - cansado

Basculho - *sm* - sujeira; lixo

Berimbelos - *sm* - adereços; enfeites

Bila - *sf* - bola de gude

Biloca - *sf* - ver bila

Boyzinha - *sf* - menina novinha

Bozó - *sm* - dados.

Bubu - *sf* - chupeta

Bufento - *adj* - aquilo que perdeu a cor

Bulir - *v* - mexer

Buliçoso - *adj* - pessoa que mexe em tudo

C

Cabido - *adj* - intrometido

Cabreiro - *adj* - desconfiado

Cabueta - *adj* - dedo duro

Cacareco - *sm* - coisa velha

Cafundó - *sm* - lugar distante

Cambito - *sf* - perna fina

Cangote - *sm* - nuca

Cangueiro - *adj* - pessoa que não dirige bem

Carão - *sm* - repreensão

Carecer - *v* - precisar

Cascaviar - *v* remexer, procurar

Catimbó - *sm* - macumba; despacho

Catinga - *sf* - mau cheiro

Catoco - *sm* - pedaço de alguma coisa

Catrevagem - *sf* - coisa ou pessoa imprestável ou sem valor

Chapa - *sf* - dentadura; prótese dentária

Cigarreira - *sf* - banca de revista

Cocorote - *sm* - cascudo

Confeito - *sm* - balas

Cumê - *sm* - comida

Curiar - *v* - ficar de olho

Custar - *v* - demorar

D

Dar fé - *v* - perceber

Dar corda - *v* - incentivar

Dar o grau - *v* - caprichar ao fazer algo

Dar o prego - *v* - enguiçar; quebrar

Derradeiro - *adj* - último

Derrubado - *adj* - sem ânimo; doente

Desapartar - *v* - separar

Descansar - *v* - parir; dar à luz

Desimbestar - *v* - correr bastante

Desmantelado - *adj* - pouco cuidadoso

Destá - *int* - deixe pra lá

Dim-dim - *sm* - sacolé; geladinho; chupe-chupe; gelinho

E

- Emboluado** - *adj* - enrolado; com grumos
- Embromar** - *v* - enrolar; enganar
- Embuchar** - *v* - engravidar
- Empachado** - *adj* - pessoa que comeu demais
- Empanzinado** - *adj* - ver empachado
- Empatar** - *v* - impedir
- Encafifado** - *adj* - desconfiado
- Encangado** - *adj* - em cima; montado
- Encarcar** - *v* - apertar
- Encardido** - *adj* - sujo; amarelado
- Encarnado** - *adj* - vermelho
- Encruado** - *adj* - aquele que não cresceu
- Enfadado** - *adj* - cansado
- Enfastiado** - *adj* - sem fome
- Engilhado** - *adj* - enrugado
- Engolir corda** - *v* - acreditar; se atrever
- Enguiçado** - *adj* - quebrado
- Enrabichado** - *adj* - envolvido amorosamente
- Enredar** - *v* - entregar alguém; dedurar
- Ensacar** - *v* - pôr a blusa dentro da calça
- Enterter** - *v* - distrair
- Entojo** - *sm* - enjoo
- Enxerido** - *adj* - assanhado
- Escanhado** - *adj* - montado em algo ou alguém
- Escangalhado** - *adj* - quebrado
- Escapulir** - *v* - escapar; fugir
- Espichado** - *adj* - esticado
- Espinhaço** - *adj* - coluna

Espragatado - *adj* - pisado; amassado

Estatalado - *adj* - caído e todo quebrado

Estribado - *adj* - pessoa com muito dinheiro

Estribuchar - *adj* - debater-se.

Estripolia - *sf* - bagunça

F

Farda - *sf* - uniforme

Fazenda - *s.f.* tecido

Fechar a prova - *v* - acertar toda a prova

Frechado - *adj* - chato

Friso - *sm* - grampo de cabelo

Frivião - *sm* - multidão

Fubento - *adj* - sem cor; desbotado

Fuleiro - *adj* - sem valor

Furdunço - *sm* - bagunça

Fuzuê - *sm* - tumulto

G

Gabola - *adj* - vaidoso; que conta vantagem

Gaiato - *adj* - engraçado

Gaitada - *sf* - gargalhada

Galalau - *adj* - cabra alto

Galego - *adj* - loiro

Galeto - *sm* - frango

Garapeiro - *adj* - oportunista

Gasguita - *adj* - que fala alto, gritando

Gastura - *sf* – enjojo; mal-estar

Gazear - *v* - faltar aula

Godelar - *v* - conseguir algo sem pagar

Grude - *sm* - sujeira; aquele que está sempre junto

I

Imbromar - *v* - enrolar; não querer fazer nada

Impachado - *adj* - muito saciado

Infezado - *adj* - com raiva

Ingembrado - *adj* - torto

Inguio - *sm* - ânsia de vômito

Inhaca - *sf* - mau cheiro

Intertido - *adj* - com atenção em alguma coisa

Invocado - *adj* - corajoso; muito bom

Ixe! - *int* - Virgem!!

J

Jerimum - *sm* - abóbora, cabotiã

Judiar - *v* - fazer mal, maltratar, torturar

Jururu - *adj* - cabisbaixo, sem ânimo

L

Lambusado - adj. - melado, sujo

Lapiseira - s.f. - apontador de lápis

Lenga-lenga - s.f. - algo sem solução rápida

Lenhar-se - v. ficar em má situação

Lero-lero - s.m. - conversa sem futuro

Lesado - adj. - bobo

Leseira - s.f. - preguiça

Leriado - s.m. - conversa fiada

Liso - adj. - sem dinheiro

Lorota - s.f. - mentira

M

- Maçada** - *sf* - espera prolongada
- Magoar** - *v* - machucar a ferida
- Maldar** - *v* - fazer mal juízo
- Mangar** - *v* - zombar
- Manobrado** - *adj* - dominado pela mulher
- Marmota** - *adj* - coisa feia; horrível
- Massa** - *adj* - legal; joia
- Matraca** - *adj* - aquele que fala demais
- Merenda** - *sf* - lanche
- Milhaeiro** - *sm* - cofre para moeda
- Mistura** - *sf* - carne que acompanha o prato
- Mocotó** - *sm* - tornozelo
- Mouco** - *adj* - surdo
- Mói** - *sm* - um pouco de alguma coisa
- Morgado** - *adj* - sem ânimo
- Mufino** - *adj* - morfino, desanimado
- Mulambo** - *sm* - pano velho
- Mundiça** - *sf* - gentalha
- Munganga** - *sf* - careta
- Muquifo** - *sm* - lugar desarrumado
- Muquirana** - *adj* - pão duro
- Muriçoca** - *sf* - pernilongo
- Mutuca** - *sf* - mosca grande

N

Não arrede o pé - Não saia

Não dá um prego numa barra de sabão - Não faz nada, é um preguiçoso

Não voga - Não vale

Nota perdida - nota baixa na escola

O

Oitão - *sm* - lateral da casa

Ombreira - *sf* - cabide

Oxente - interjeição de espanto

Oxi - interjeição de espanto

P

Papangu - *sm* - mal arrumado; traje usado no carnaval

Papôco - *sm* - estouro

Pareia - *sf* - um par

Passar batido - *v* - perder a oportunidade

Pastorar - *v* - vigiar; cuidar

Peba - *adj* - algo sem valor

Pegar ar - *v* - ficar com raiva

Peia - *sf* - surra

Pendenga - *sf* - indecisão

Pense! - *int* - Imagine!

Pinqueira - *sf* - empregada doméstica

Pinote - *sm* - salto; pulo

Piripaco - *sm* - desmaio leve

Piriri - *sm* - mal-estar

Pisa - *sf* - surra

Piúba - *sf* - ponta de cigarro

Placa - *sf* - forma de bolo

Pomba lesa - *adj* - desligado; sem atenção

Prata - *sf* - moeda

Pregado - *adj* - muito cansado

Prenha - *adj* - grávida

Presepada - *sf* - acontecimento incomum

Pro mode? - pra quê?

Q

Quarar - *v* - estender a roupa no sol com sabão

Quebra queixo - *sm* - doce feito com coco

Quebrante - *sm* - mau olhado

Queixudo - *adj* - cheio de moral

Quenga - *sf* - prostituta

Quengo - *sm* - cabeça

R

Radiola - *sf* - equipamento de som antigo

Rebolar - *v* - jogar algo fora

Rebuliço - *sm* - agitação

Reiar-se - *v* - complicar-se

Remanchar - *v* - enrolar; demorar

Remela - *sf* - secreção ocular

Renhado - *adj* - machucado

Resenha - *sf* - últimas fofocas

Rodagem - *sf* - estrada de barro

Roedeira - *sf* - dor-de-cotovelo

Ruim das oíças - *adj* - surdo

Ruma - *sf* - grande quantidade

S

Sáido - *adj* - que gosta de aparecer

Sambado - *adj* - bastante usado

Seboso - *adj* - sem higiene

Soím - *sm* - mico; pequeno macaco

Sostô! - interjeição de admiração

Sossegar o facho - *v* - aquietar-se

Subeijo - *sm* - resto de algo

Sustança - *sf* força; vigor; energia

T

Tabefe - *sm* - tapa

Tamborete - *sm* - banco de sentar

Tamborete de forró - *adj* - pessoa pequena

Tinhoso - *adj* - teimoso

Tirinete - *adv* - muito; bastante

Titela - *sf* - costela

Tome tento - *int* - Tome jeito!; Tenha juízo!

Torar - *v* - quebrar; partir

Trambolho - *sm* - algo sem utilidade

Travoso - *adj* - algo que deixa um travo ou amargor na garganta

Trela - *sf* - conversa; mentira

Treloso - *adj* - aquele que inventa muitas histórias

Trempe - *sm* - suporte para panela no fogo

Triscar - *v* - tocar; encostar

Trololó - *sm* - conversa fiada

Troncho - *adj* - torto

Turica - *sf* - mal-estar

V

Vacilar - *v* - cometer um erro; enganar-se

Varapau - *adj* - cabra alto

Velhaco - *adj* - que não paga contas

Venda - *sf* - comércio pequeno

Venta - *sf* - nariz

Vexado - *adj* - apressado

Vexame - *sm* - aperreio; confusão

Vogar - *v* - valer

Volta - *sf* - cordão; colar

Vôts! - interjeição de surpresa; espanto

X

Xêro - *sm* - cheiro

Xiringar - *v* - jogar água

Xodó - *sm* - amor; paixão; pessoa querida

Xôxa - *adj* - sem graça

Z

Zambeta - *adj.* - de pernas tortas

Zarrio - *adj.* - de olhos trocados

Zerado - *adj.* - novo

Zói - *sm.* - olhos

Zuada - *sf.* - barulho

7. Quando você acessa a internet, você costuma curtir ou compartilhar *memes* com seus amigos?

() sim () não

8. Se você respondeu sim à pergunta anterior, por qual(is) motivo(s)?

() humor

() crítica

() por tratar de assuntos da atualidade

() Outros. Quais? _____

9. Quando você precisa fazer um trabalho escolar, você costuma pesquisar através de:

() biblioteca escolar (livros, revistas, dicionários etc.)

() internet (sites de busca)

() pessoas mais velhas

() colegas

() outros. Quais? _____

10. Você acredita que a internet pode ajudar em sala de aula como recurso didático?

() sim () não

11. Justifique a resposta anterior e dê sugestões.

12. Você acredita que o *meme* pode ser um gênero interessante para ser trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa? Por quê?

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO SOBRE VARIAÇÃO LEXICAL

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ – CERES
DEPARTAMENTO DE LETRAS DO CERES - DLC
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

Professora Pesquisadora: Ionara Régia Silva Guimarães
Professor Orientador: Dr. Márcio Sales Santiago

Questionário sobre Variação Lexical

1. Você sabe o que é léxico? Explique com suas palavras.

2. Você conhece o termo variação linguística? Explique com suas palavras.

3. Você conhece alguém que fala diferente de você? Quem?

4. Quais diferenças você observa na forma de falar dessa(s) pessoa(s)?

5. Observe os objetos abaixo e escreva o nome pelo qual você os conhece:
(Caso conheça mais de um nome para o mesmo objeto, cite-os também)



a)



b)



c)



d)



e)



f)

g)



h)



i)



j)



APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ – CERES
DEPARTAMENTO DE LETRAS DO CERES - DLC
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____,
portador do RG nº _____, responsável pelo aluno (a)

_____ autorizo a divulgação de textos e imagens e quaisquer outros materiais produzidos nas aulas de Língua Portuguesa, ministradas pela professora **Ionara Régia Silva Guimarães**, portadora do RG nº 2.960.397 SSP/RN, para fins de divulgação acadêmica.

Parelhas/RN, ____ de _____ de 2019.

Assinatura dos pais ou responsável

APÊNDICE E - TERMO DE ASSENTIMENTO

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ – CERES
DEPARTAMENTO DE LETRAS DO CERES - DLC
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu, _____,
portador do RG nº _____, aluno (a) do 7º ano, autorizo a
divulgação de textos e imagens e quaisquer outros materiais produzidos nas aulas de
Língua Portuguesa, ministradas pela professora **Ionara Régia Silva Guimarães**,
portadora do RG nº 2.960.397 SSP/RN, para fins de divulgação acadêmica.

Parelhas/RN, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do aluno (a)

APÊNDICE F - ATIVIDADE COM MEMES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ – CERES
DEPARTAMENTO DE LETRAS DO CERES - DLC
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

ATIVIDADE

Observe as frases e os diálogos presentes nos memes abaixo e reescreva-os, levando em consideração a variação lexical.

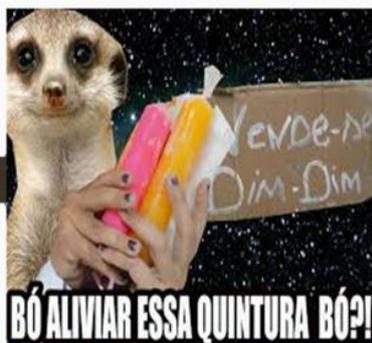








APÊNDICE G - QUIZ



Dindim (ou dim-dim) também é conhecido por:

- a) Sacolé
- b) Casquinha
- c) Bala

RESPOSTA CORRETA



a) Sacolé

num deu pra mim vim ontem prof...



... a mãe lavou a farda e não deu tempo de secar!

Farda também é chamada de:

- a) Roupão
- b) Casaco
- c) Uniforme



Muito bem!

c) Uniforme



**OLHAR PRA
TRÁS SÓ SE
FOR PRA MANGAR
DO POVO QUE
DISSE QUE
EU NUM IA
CONSEGUIR**

Mangar é o mesmo que:

- a) Brigar
- b) Zombar
- c) Zangar



b) Zombar



A expressão “Não dá um prego numa barra de sabão” significa:

- a) Que a pessoa é muito esperta
- b) Que a pessoa é preguiçosa
- c) Que a pessoa é antipática



b) Que a pessoa é preguiçosa



Quebrante também é conhecido como:

- a) Dor de cabeça
- b) Mau-humor
- c) Mau-olhado



c) Mau-olhado

Para aprender mais, consulte nosso
Minidicionário de Variações Regionais,
disponível na biblioteca da escola!

